

# ENTRE GESTOS E PALAVRAS

## O Diálogo do Corpo



*Resiane Silveira (Org.)*

  
Editora  
**PROGRESSO**

# ENTRE GESTOS E PALAVRAS

## O Diálogo do Corpo



*Resiane Silveira (Org.)*

  
Editora  
**PROGRESSO**

© 2024 – Editora Progresso

[www.editoraprogresso.com.br](http://www.editoraprogresso.com.br)

progressoeditorial@gmail.com

### **Organizadora**

Resiane Paula da Silveira

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editores e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Capa:** Freepik/Progresso

**Revisão:** Respective autores dos artigos

### **Conselho Editorial**

Ma. Silvia Mara da Silva, Universidade Estadual de Maringá, UEM

Ma. Silvana Maria Aparecida Viana Santos, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, FICS

Ma. Yanne Maira Silva, Universidade Federal de Uberlândia, UFU

Dr. Guilherme Esteves Galvão Lopes, Fundação Getúlio Vargas, FGV

Ma. Grazielle Gorete Portella da Fonseca, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC

Me. Tiago José da Silva Tabayara, Universidade Federal do Pará, UFPA

Ma. Sofia de Moraes Arnaldo, Universidade de Fortaleza, UNIFOR

Me. Denilson Marques dos Santos, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Ma. Larissa Cristina Cardoso dos Anjos, Universidade Federal do Amazonas, UFAM

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, SEEMG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

	Silveira, Resiane Paula da
S587e	Entre Gestos e Palavras: O Diálogo do Corpo - Volume 1 / Resiane Paula da Silveira (organizadora). – Formiga (MG): Editora Progresso, 2024. 54 p. : il.
	Formato: PDF
	Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
	Modo de acesso: World Wide Web
	Inclui bibliografia
	ISBN 978-65-83392-05-3
	DOI: 10.5281/zenodo.14037481
	1. Letras. 2. Linguística. 3. Literatura. 4. Diálogo do Corpo. I. Silveira, Resiane Paula da. II. Título.
	CDD: 410
	CDU: 80

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Progresso  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.editoraprogresso.com.br](http://www.editoraprogresso.com.br)  
[progressoeditorial@gmail.com](mailto:progressoeditorial@gmail.com)  
Formiga - MG  
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://www.editoraprogresso.com.br/2024/11/entre-gestos-e-palavras-o-dialogo-do.html>



**AUTORES**

**Marli Rodrigues de Oliveira  
Sérgio Rodrigues de Souza  
Viviane Lima Martins**

## APRESENTAÇÃO

Entre a palavra proferida e o gesto realizado, desdobra-se um território singular onde a comunicação humana transcende o verbal e atinge dimensões mais sutis e complexas. A obra *Entre Gestos e Palavras: O Diálogo do Corpo* propõe uma investigação profunda sobre a expressividade humana, abordando o corpo como um interlocutor ativo e pleno, que comunica, revela e transcende o conteúdo explícito da fala. Neste livro, o leitor é convidado a explorar a interface entre linguagem verbal e não verbal, compreendendo como o corpo, em sua multiplicidade de gestos, posturas e expressões, articula significados que enriquecem a experiência comunicativa e ampliam a percepção do sujeito sobre si e o outro.

Este estudo se insere na intersecção de áreas como a psicologia, a filosofia, a linguística e as ciências sociais, propondo uma análise interdisciplinar do corpo como um mediador essencial da expressão humana. Ao longo dos capítulos, a obra revela como a linguagem corporal está intrinsecamente ligada às construções culturais, aos processos psicológicos e às dinâmicas interpessoais, desvelando uma riqueza de significados que, muitas vezes, permanecem ocultos aos sentidos habituais. Os autores mergulham em questões como o impacto das expressões faciais, o simbolismo dos gestos e a relação entre postura e identidade, proporcionando ao leitor uma perspectiva holística e detalhada sobre o diálogo do corpo.

*Entre Gestos e Palavras* destaca-se ainda pela sua abordagem crítica e reflexiva, ao questionar a divisão tradicional entre mente e corpo, e ao sugerir que a comunicação humana é, essencialmente, um processo integrado, no qual o verbal e o não verbal se entrelaçam para construir um significado pleno e contextual. Este livro ilumina o papel do corpo como um componente fundamental na construção da identidade e nas interações sociais, apontando para a importância da leitura dos sinais não verbais em um mundo cada vez mais marcado pela comunicação digital e pelo contato mediado por dispositivos.

Esta obra torna-se, assim, uma contribuição para todos os estudiosos da comunicação humana e das interações sociais. Ela oferece não apenas um entendimento mais profundo das dinâmicas do corpo, mas também uma reflexão sobre a importância de resgatar a dimensão sensível e intuitiva da comunicação em um

mundo onde o contato físico, o olhar e o gesto tendem a ser substituídos por interações virtuais. O leitor é chamado a enxergar o corpo não apenas como um veículo de expressão, mas como um parceiro ativo, cuja presença e cujas nuances comunicativas são essenciais para o entendimento completo da condição humana.

Esperamos que esta leitura inspire uma apreciação mais atenta e cuidadosa do corpo como linguagem, promovendo uma sensibilidade para os aspectos não verbais da comunicação e para as mensagens implícitas que, entre gestos e palavras, definem e enriquecem o nosso modo de ser e de se relacionar no mundo.

## SUMÁRIO

Capítulo 1 <b>O CORPO COMO TEXTO NA SEMIOSFERA</b> <i>Viviane Lima Martins</i>	<b>09</b>
Capítulo 2 <b>A RELAÇÃO INDIVÍDUO-DESEJO COMO COMPONENTE DA ÉTI-CA EM PSICANÁLISE</b> <i>Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>24</b>
Capítulo 3 <b>DISTÚRBO DE DOR PSICOGÊNICA</b> <i>Marli Rodrigues de Oliveira; Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>36</b>





**Capítulo 1**  
**O CORPO COMO TEXTO NA SEMIOSFERA**  
*Viviane Lima Martins*

## O CORPO COMO TEXTO NA SEMIOSFERA

**Viviane Lima Martins**

*Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.*

*Professora no Instituto Federal Catarinense campus São Francisco do Sul.*

*E-mail: viviane.martins@ifc.edu.br*

### **RESUMO**

O presente artigo intenciona refletir como o corpo é inserido como texto na cultura. O termo "semiosfera", criado por Iuri Lotman em 1984, caracteriza a cultura como um espaço semiótico onde os signos se conectam. Inspirado pelo conceito de "biosfera", ele descreve o contexto cultural essencial para que a comunicação aconteça. Em consonância, Irene Machado reforça que a semiosfera é formada por sistemas culturais dinâmicos, com o sistema midiático sendo um fator chave na integração entre culturas tradicionais e contemporâneas. O avanço tecnológico facilita novas trocas culturais, alterando comportamentos e formas de interação social. De maneira correlata, Foucault e outros teóricos analisam o corpo como um construto cultural moldado por discursos e relações de poder, influenciando padrões sociais e estéticos.

**Palavras-chave:** Semiótica da Cultura, corpo como texto, corpo-mídia.

### **ABSTRACT**

The present article aims to reflect on how the body is inserted as a text in culture. The term "semiosphere," created by Iuri Lotman in 1984, characterizes culture as a semiotic space where signs are interconnected. Inspired by the concept of the "biosphere," it describes the cultural context essential for communication to occur. In line with this, Irene Machado emphasizes that the semiosphere is made up of dynamic cultural systems, with the media system playing a key role in integrating traditional and contemporary cultures. Technological advancements facilitate new cultural exchanges, altering behaviors and forms of social interaction. Similarly, Foucault and other theorists analyze the body as a cultural construct shaped by discourses and power relations, influencing social and aesthetic standards.

**Keywords:** Cultural Semiotics, body as text, body-media.

## INTRODUÇÃO

Segundo Irene Machado (2007), o termo “semiosfera”, concepção de cultura como espaço semiótico, foi conceitualmente formulada por Iuri Lotman, semioticista russo, em artigo homônimo de 1984, para designar o *habitat* e a vida dos signos dentro do universo cultural, isto é, a totalidade da cultura imersa em um espaço semiótico, descontínuo, e cujos temas só podem funcionar por meio da interação. Este conceito derivou de outro anterior: “biosfera”, originalmente definido pelo biogeoquímico russo-ucraniano Vladimir Ivanovich Vernadski (1997), que viveu de 1863 a 1945, como a película que visa à conservação da matéria viva, por meio da transformação da energia radiante do sol em energia química e física.

Machado (2007) reforça que, da mesma forma que a biosfera é a união de todos os ecossistemas existentes e, responsável pela vida em nosso planeta, pois o termo designa o conjunto de seres vivos da terra e seus habitantes, a semiosfera designa um espaço no qual esses sistemas de signos relacionam-se, comunicam-se e chocam-se. Mais diretamente, trata-se de um espaço cultural habitado pelos signos, sendo que, fora dele, nenhum processo de comunicação, de linguagem ou de códigos, seria possível.

Na esfera social os elementos culturais são distribuídos geograficamente e, é essa geografia que define os costumes e os gostos de um determinado grupo de indivíduos, dando-nos assim, uma riqueza imensa de grupos divididos por seus costumes, sotaques e vestuários, formando, por exemplo, a heterogeneidade do povo brasileiro. Conforme Machado (2007), os elementos culturais se relacionam com sistemas culturais, mais especificamente ao sistema midiático, que se funde a outras culturas, geralmente mais tradicionais, formando novos costumes em um determinado grupo. Hoje é muito comum observarmos o uso de tatuagens, vestuários de culturas mais diversas – indiana, afroamericana, por exemplo – e até os mesmos pontos de vista que possuem uma mentalidade urbana, um comportamento específico ou um modo de comunicar-se, e que são inseridos em sociedades mais diversas, de maneira natural, quase osmótica, ainda que em regiões mais longínquas das zonas urbanas de grande movimentação. E esta fusão de cultural, que une e mistura o tradicional com o midiático, é fomentada pelos meios de comunicação de massa, sejam eles impressos, eletrônicos ou digitais.

O advento e extrema difusão das tecnologias de informação constituem o que Irene Machado conceitua como “momentos de grande imprevisibilidade” que levam ao florescimento de novas configurações no cenário das representações culturais. Desta forma, os meios eletrônicos e digitais acabam por promover trocas e fusões dos mais variados meios de comunicação, como as que acontecem com a televisão e rádio para web, as redes de relacionamento social, sites de consumo, etc., conseqüentemente configurando o ambiente propício para o surgimento de novas trocas culturais, novas formas de relacionamento com o outro, novos costumes, novos indivíduos.

Neste contexto, os processos culturais, entendidos como semiosféricos, teriam a mesma pujança em relação às trocas culturais, ao passo que produzem transformações contínuas, sejam elas de longa duração - ou mais impetuosas -, haja vista, que alguns modelos, se sobrepõem enquanto outros são expurgados socialmente.

Irene Machado e Vinícius Romanini (2010) argumentam que os semióticos da comunicação devem, para analisar a semiose em ação, isto é, os elementos coexistentes na semiofera, voltarem-se à modelização do sistema semiótico em estudo. De acordo com os autores,

Quando se procura exercitar o olhar semiótico sobre o mundo, o passo fundamental é o de identificar os processos de mediação, de interface, que dão sustentação a toda a complexidade atual dos fenômenos comunicativos, do gesto à gestão. (MACHADO e ROMANINI, 2010, p. 93)

## **1 TEXTOS DE CULTURA**

Exímio tradutor da língua russa e um dos maiores difusores dos escritos da Semiótica da Cultura no Brasil, Boris Schnaiderman trouxe da Escola de Tartu, Estônia, iniciada na década de 60, o universo de Lotman e Ivanov, tão expressivos em se tratando de linguagem. Segundo o autor (2005),

Todo material da história da cultura pode ser examinado sob o ponto de vista de uma determinada informação de conteúdo e sob o ponto de vista do sistema de códigos sociais, os quais permitem expressar esta informação por meio de determinados signos e torná-la patrimônio destas ou daquelas coletividades humanas. (SCHNAIDERMAN, 2005, p. 32/33)

Assim, sob este prisma, o valor das coisas é semiótico, uma vez que ele é determinado não pelo próprio valor destas, mas pela significação daquilo que ele representa. Para Schnaiderman esta ligação não é convencional: por força da iconicidade das relações, sob o ponto de vista da moral ou da religião, um conteúdo valioso exige expressão valiosa (a ornamentação dos ícones) e a própria materialidade do signo torna-se objeto de adoração. (2005, p.37)

Reforçando o conceito de cultura, Ferrari (2006) corrobora com Lotman:

A cultura não é um depósito de informações; é um mecanismo organizado, de modo extremamente complexo, que conserva as informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis. Recebe as coisas novas, codifica e decodifica mensagens, traduzindo-as para um outro sistema de signos. (FERRARI, 2006, p.73)

O conceito de Lotman de texto cultural, muito difundido, e mesmo incorporado na linguagem universitária, fala da cultura como um sistema de signos que organiza de um modo específico as informações recebidas. Num crescente, vai nos mostrando que a cultura é informação, codificação, transmissão, memória, e conclui, de forma a não deixar lapsos: somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória (FERRARI, 2007). Logo, um texto não é um fenômeno isolado, pertencendo a um grande sistema chamado por Lotman de semiosfera.

A cultura é geradora de textos, e, por definição, texto cultural, em um sentido amplo; é qualquer comunicação registrada em um determinado sistema sígnico. A cultura seleciona e prioriza, no próprio âmbito, determinados textos, levando em conta todos os tipos de injunção Assim, o texto não é apenas gerador de novos significados, mas um condensador de memória cultural e, como resultado, o texto adquire vida semiótica. (FERRARI, 2007).

O texto é considerado unidade mínima da cultura e tem uma organização interna definida, preservando seus traços distintivos, mas podendo gerar novos significados em diferentes “consumidores”. Portanto, textos diferentes podem manter cada um sua individualidade, mas ao se interrelacionarem com outros, acabam se enriquecendo. Segundo o conceito de Lotman, no interior dos textos existem subtextos que estão em constante diálogo com vários outros, diferentemente do conceito atribuído pelas semióticas tradicionais. Para o autor, “a Semiótica da Cultura examina a interação de sistemas semióticos diversamente estruturados, a

não uniformidade interna do espaço semiótico, a necessidade do poliglotismo cultural e semiótico”. (LOTMAN, 1996, p.78).

Conforme descreve Lotman (1996), um texto apresenta três funções: comunicativa, geradora de sentido e perpetuador de memórias. A função comunicativa, na acepção da própria função da linguagem, comunga que o texto é homogêneo e homo-estrutural e, neste sentido, transmite uma mensagem para o receptor. Qualquer desvio é considerado um ruído. Esta convicção, reforçada por outro russo, Roman Jakobson, orientou os linguistas durante muito tempo. A segunda função que o texto cumpre é a geradora de sentidos, à medida que apresenta manifestações de várias linguagens. Há assim uma troca de sentido e um enriquecimento do texto no processo de avanço do destinador ao destinatário. Lotman chamou a esta função de criadora. “*Se, no primeiro caso toda mudança de sentido no processo de transmissão é uma desfiguração, no segundo se converte em um mecanismo de geração de novos sentidos*” (LOTMAN, 1996, p.88).

A terceira função do texto está relacionada à memória da cultura. Em seus escritos, metaforicamente, o autor russo compara os textos às sementes das plantas que são capazes de conservar e reproduzir suas estruturas. Neste sentido, os textos têm a capacidade de reconstituir, de restaurar lembranças da história da cultura e da humanidade. “*Os textos tendem à simbolização e se convertem em símbolos integrais. Os símbolos adquirem uma grande autonomia de seu contexto cultural e funcionam não somente no corte sincrônico da cultura, mas também na diacronia desta*” (LOTMAN, 1996, p.89).

Como bem sintetiza Machado (2007), o texto, por meio das funções propostas pela Semiótica da Cultura, deixa, portanto, de ter uma relação passiva de sentido com os objetos a ele interligados, atuando de forma dinâmica. Assim, além de se condensar e transmitir informação, de se relacionar com outros textos da cultura, como gerador de sentidos, é mnemônico, isto é, “é a memória não-hereditária que garante o mecanismo de transmissão e conservação.” (p.38).

As linguagens desenvolvidas na cultura possibilitam explorar os diversos saberes construídos entre os membros dessa cultura. Machado define linguagem como o “*sistema organizado de geração, organização e interpretação da informação*” (MACHADO, 2003, p.162). A linguagem é, portanto, um processo de comunicação entre os membros de uma cultura, especialmente das culturas humanas, e vale-se de diferentes tipos de signos para produzir os textos da cultura.

Nas palavras de Martins,

[...] as linguagens podem ser compostas de signos discretos e não discretos, ou contínuos. Os signos discretos são aqueles que podem ser decompostos, como é o caso do alfabeto. Os signos contínuos são aqueles que não podem ser percebidos senão em sua totalidade, isto é, se decompostos perdem seu sentido. Este é o caso principalmente do signo visual, como a fotografia ou a pintura. Porém é preciso ter cuidado nessa diferenciação, pois cada linguagem terá sua complexidade que deve ser analisada no dinamismo da interação dos signos, sendo muitas vezes impossível separar seus elementos de forma estanque. Mais produtivo é explorar a interação específica entre os diversos elementos que cada linguagem e cada meio vai possibilitar. O cinema, por exemplo, segundo Lotman, pode ser analisado como a combinação de signos discretos (os planos) e contínuos (a montagem). (MARTINS, 2003, s/n)

Como objeto de estudo na semiótica da cultura, os textos podem apresentar-se sob diferentes formas, contendo signos que divergem quanto à “substância”, conforme pontam Zalizniak, Ivanov e Toporov (1979). De acordo com Machado (2010), as linguagens da comunicação que traduzem as mensagens em tão variadas formações codificadas se tornaram agentes de transformação da cultura – e não apenas da cultura de massa.

O texto pode ser considerado a “unidade básica” da semiótica da cultura, como afirma Machado (2007), uma vez que cada texto da cultura concretiza processos de semiose e, sob análise, revela informações sobre o sistema cultural no qual foi elaborado. Nesta perspectiva, texto seria o objeto primário de estudo, um sistema finito, onde ingressam diferentes códigos e linguagens em múltiplas combinações, formando uma unidade textual heterogênea e dinâmica, fechada do ponto de vista formal, mas aberta quanto aos códigos das linguagens que a confrontam.

Do ponto de vista apresentado, um texto pode ser entendido como uma prática cultural que se origina na relação entre sistemas semióticos caracterizados como linguagens, seja ela verbal ou não-verbal.

## **2 BELO OU GROTESCO: O CORPO COMO COMPOSIÇÃO TEXTUAL**

A ideia de um corpo controlado e/ou construído remete à obra de Foucault, que descreve o corpo como o sítio onde os discursos se inscrevem, como um ponto

nodal das relações produtivas de poder. Em vários de seus textos, Foucault duvidou da existência material e separada de um corpo fora de sua existência social. No primeiro volume da sua *História da Sexualidade* (1976), o autor declarava não ser possível ao corpo existir antes da lei e que a sexualidade dependia das relações de poder. Caso o corpo resistisse à cultura, revelaria a falha da construção cultural.

Alguns semioticistas da cultura, como Ivanov, Lotman, Pjatigorskij, Toporov e Uspenskij (1973) já haviam apontado o mecanismo da cultura como um sistema capaz de transformar a esfera externa em interna, a entropia em informação, e assim por diante. A cultura não seria uma oposição entre o externo e o interno, mas uma possibilidade de passagem de um âmbito a outro.

A noção de interioridade pertence a um tipo de formação subjetiva que emergiu num contexto determinado e em função de certas linhas de força que lhe deram origem. Como mostra Charles Taylor em seu livro *As fontes do self*, recorrendo a uma análise exaustiva de textos históricos e antropológicos, “*as ideias modernas de interior e exterior são de fato estranhas e sem precedentes em outras culturas e épocas*” (1997, p.153).

O externo, o que salta às vistas, aparece como discurso, muitas vezes modelizante, construindo, de certa forma, uma hegemonia quase política, no sentido de que a ideologia dominante em uma sociedade trabalha no sentido de tornar “naturais” as imagens culturais valorativas que interessam a determinados grupos dominantes, como forma de justificar as hierarquias sociais e a exclusão dos grupos subalternos nas mais variadas formas.

Desta forma, podemos dizer que foi na virada do século XIX para o século XX que o corpo foi inventado como um objeto teórico. Segundo Courtine (2008), depois do nascimento da clínica, tão bem explorado por Foucault, que fundou o corpo como objeto de observação, investigação, classificação e regulação, três vias tornaram complexas as relações envolvidas na presença desse novo ente no cenário do pensamento. A primeira teria sido o surgimento da psicanálise, através da afirmação freudiana de que o inconsciente fala através do corpo; a segunda foi construída na teoria fenomenológica, desde a ideia de Husserl sobre o corpo como berço de toda significação até a concepção, ainda influente, de Maurice Merleau-Ponty, do corpo como sendo uma “*encarnação da consciência, seu desdobramento no tempo e no espaço como pivô do mundo*” (apud COURTINE, 2008, p.08). A última nasce na antropologia, compreendendo diferentes “técnicas corporais” pertencentes a cada



povo: há *corpos* e há diferentes maneiras de vivê-los e pensá-los. Assim, seja objeto da psicanálise, da fenomenologia ou da antropologia, o corpo assume sua condição de objeto de significância, de superfície de inscrição, de texto cultural.

Outro ponto crucial no que concerne o corpo como superfície é a questão estética. Eagleton (1993) afirma que “a estética nasceu como um discurso sobre o corpo” (p.17), sendo a mediadora entre as generalidades objetivas da razão e as particularidades subjetivas dos sentidos através dos quais o mundo nos atinge. Anteriormente uma definição objetiva da beleza, relacionada ao prazer proporcionado por coisas belas, estava presente desde a definição de Aristóteles na *Metafísica*, dando como principais formas da beleza a ordem, a simetria e a definição clara. Este alinhamento é mantido pela filosofia medieval, tida como um dos conceitos que transcendiam, como o Bom e o Verdadeiro, que se harmonizavam como todos os gêneros.

Nesta concepção, conforme Sodré (2002), o belo convertia-se em valor estético, designando “*um objeto de prazer universal (segundo a racionalidade do entendimento) e desinteressado (sem a mediação do conceito)*” (p.18). Com isso, deixava de ser pura objetividade, pois passava a depender da percepção subjetiva. Por conseguinte, os usos ideológicos do belo para a construção de um padrão passaram a ser camuflados com a universalidade do belo virtuoso, “que vêm de dentro” de cada indivíduo, e não necessita da mediação do conceito, associando que o belo é tradicionalmente identificado com o “bom”, e o feio com o “mau”.

Fotografia de Mário Pedrosa: Pintura corporal indígena: beleza e virtude representadas por linhas que cobrem toda superfície do corpo.



Fonte: <https://fernandabranches.wordpress.com/2017/11/15/arte-e-ritual-em-mario-pedrosa/>

Mike Featherstone (1982), valendo-se da teoria de Michel Foucault, fazem análises sobre como as de imagens de beleza corporal têm uma relação social e cultural com o contexto em que se insere. Sobre isso, é interessante notar como estes modelos corporais – o belo e seu oposto, o atrativo e seu oposto - transitam de um ambiente a outro, reforçando a formação de padrões de beleza e tornando-se celebridades da mídia.

Consumer culture latches onto the prevalent self-preservationist conception of the body, which encourages the individual to adopt instrumental strategies to combat deterioration and decay (...) and combine it with the notion that the body is a vehicle of pleasure and self expression. (FEATHERSTONE, 1982, p. 170).

A cultura do consumo apega-se à concepção autopreservacionista prevalecente do corpo, que encoraja o indivíduo a adotar estratégias instrumentais para combater a deterioração e a decadência (...) e combina-a com a noção de que o corpo é um veículo de prazer e de auto-expressão.(tradução da autora)

Featherstone ainda observa que na cultura de consumo as representações midiáticas incentivam um trabalho constante de “manutenção corporal” direcionada para um corpo contemplativo, cuja recompensa são benefícios cosméticos e de saúde. Quanto mais os corpos reais se aproximam das imagens idealizadas de juventude, boa forma e beleza, maior é seu valor de troca e visibilidade (1982, p.177).

No âmbito do discurso, Bakhtin (2002), partindo do ponto de vista de sua análise nas imagens grotescas do corpo na cultura popular, preocupou-se em definir em que consistem os padrões de beleza contemporâneos com referências aos limites que o corpo tem com um universo que o cerca.

A propriedade característica do novo cânon – ressalvadas todas as suas importantes variações históricas e de gênero – é um corpo perfeitamente pronto, acabado, rigorosamente delimitado, fechado, mostrado do exterior, sem mistura, individual e expressivo. Tudo o que sai, salta do corpo, isto é, todos os lugares onde o corpo franqueia seus limites e põe em campo um outro corpo, destacam-se, eliminam-se, fecham-se, amolecem. Da mesma forma se fecham todos os orifícios que dão acesso ao fundo do corpo. Encontra-se na base da imagem a massa do corpo individual e rigorosamente delimitado: a sua fachada maciça e sem falha. (BAKHTIN, 2002, p.280)

Para o autor, nesse contexto, o papel predominante pertence às partes do corpo que “assumem funções caracterológicas e expressivas”, como o rosto, os

olhos, os lábios, o sistema muscular e a situação que ocupa o corpo no mundo exterior. Trata-se de evidenciar um corpo completamente pronto em um mundo exterior totalmente acabado, “em cuja função as fronteiras entre corpo e mundo não são de forma alguma enfraquecidas” (2002, p.281).

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a idealização de um corpo classificado como saudável, que terá um aspecto bem cuidado e bem vestido. Conforme Campelo (2003) “*não há espaço no corpo-mídia para os problemas de pele ou dentários*” (p. 40). Por conseguinte, assim como o sorriso é essencial para expressar a felicidade, também há uma fuga dos corpos que apresentem marcas da ação do tempo ou que já se constituíram fora do padrão de estético culturalmente proposto em determinada região.

Bakhtin e Muniz Sodré colocam que a imagem grotesca ameaça qualquer representação, escrita ou visual, ou qualquer comportamento excessivamente marcados pela idealização. Operando por meio do ridículo, da estranheza, a sociedade pautada e os modelos pré-estabelecidos por valores culturalmente adquiridos por ela mesma, levam ao chão tudo o que é colocado alto demais pela ideia.

O comum nesses casos é a figura do rebaixamento (chamada de *bathos* na retórica clássica), operado por uma combinação insólita e exasperada de elementos heterogêneos, com referência frequente a deslocamentos escandalosos de sentido, situações absurdas, animalidade, partes baixas do corpo, fezes, dejetos – por isso tida como fenômeno de desarmonia do gosto ou *disgusto*, como preferem os estetas italianos – que atravessa as diversas épocas e as diversas formações culturais, suscitando um mesmo padrão de reações: riso, horror, espanto, repulsa (SODRÉ, 2002, p.17).

Quando o corpo é estetizado, espiritualizado pelos ideais da sociedade de consumo, começa a ocorrer um mal-estar do corpo real (ou biocultural), extravasado pela linguagem que este representa. O desejo-de-ser-corpo coloca em situação de desconforto os corpos que não se encaixam nos padrões. Inúmeros produtos que prometem modificar o corpo, esconder ou eliminar o que é indesejado, são promovidos graças à insatisfação que é gerada nos consumidores com relação aos seus próprios corpos, e a mídia se torna veículo primordial para tanto.

Nessa conjuntura, o corpo grotesco pode se tornar uma radiografia inquietante do real, desconstruindo as representações ideais, apresentando o conflito entre a cultura e a corporalidade (SODRÉ, 2002, p. 60). Bakhtin define mais

precisamente no que consiste a corporalidade no realismo grotesco popular. Se os cânones apresentam um corpo fechado e acabado, o corpo grotesco expressa exatamente o contrário: não está isolado do mundo, não é perfeito, mas ultrapassa a si mesmo em seus limites.

Coloca-se ênfase nas partes do corpo em que ele se abre para o mundo exterior, isto é, onde o mundo penetra nele ou dele sai ou ele mesmo sai para o mundo, através de orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga e nariz (BAKHTIN, 2002, p. 23).

Além disso, trata-se de um corpo em evolução em um mundo material também mutável. Os corpos nascem, crescem, envelhecem e morrem, para serem substituídos por novos. Para Bakhtin essa imagem de renovação constante é o grande aspecto positivo do realismo grotesco popular. Todos os fatos que expressam esse caráter transitório e material também ganham importância: o comer, o beber, as necessidades naturais, a transpiração, a gravidez, o parto, a velhice, as doenças, a morte, a mutilação, o desmembramento, as chagas. *“Em todos esses acontecimentos do drama corporal, o começo e o fim da vida são indissoluvelmente imbricados”* (2002, p.277).

A obesidade, execrada e repudiada na era das *supermodels* anoréxicas, também assume um papel essencial na representação do corpo grotesco, como signo da intensa interação com um mundo em que prazeres, como comer e beber demasiadamente, proporcionam ao indivíduo satisfação, sem preocupar-se com a imagem que possam assumir. Na alimentação, *“o homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz em seu corpo, faz dele parte de si”* (BAKHTIN, 2002, p. 245). Assim, a “fartura substancial” dos gordos, como os reis-momo carnavalescos, sempre tiveram um lugar de destaque na comicidade popular de praça pública. Assim, na ótica de Christine Greiner:

O corpo deixa de ser, portanto, um lugar onde ocorre a construção do sujeito. A resistência aparece como efeito do poder, como parte do poder, e como a sua autossubversão. O sujeito, para Foucault, não é produzido instantaneamente após tudo isso. Ele está em processo de produção o tempo todo. (GREINER, 2005, p. 91).

Não à toa, Foucault chamou atenção para três sistemas de exclusão do discurso: a interdição, isto é, não é qualquer um que pode falar qualquer coisa / nem tudo pode ser falado; a segregação, ou seja, as proposições estabelecem

impedimentos; e a vontade de verdade, sendo esta a vontade de dizer que o discurso verdadeiro deseja ter uma história independente dos objetos que pretende conhecer.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O corpo disciplinado, com compostura, tem, aos poucos, dado lugar ao corpo que pensa, raciocina, condutor de signos inovadores na contemporaneidade. Michel Foucault elabora sua teoria sobre os corpos dóceis e delicados analisando a formatação das doutrinas como fórmulas de dominação do corpo humano no decorrer dos séculos XVII e XVIII:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma anatomia política, que é também igualmente uma mecânica do poder, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (FOUCAULT, 1983, p. 127)

O corpo torna-se veículo, texto, visualidade fora e dentro dos meios. Como bem definem Katz e Greiner (2005, p. 131),

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É como esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia a qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão construindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação.

No universo da cultura, o corpo passa por ressignificações ao longo dos anos, com as mudanças comportamentais e sociais. Quiçá seja pertinente compreender que todo corpo troca informações com os ambientes por onde circula, e que essa troca o modifica, bem como aos ambientes, e, enquanto superfícies de inscrição, os corpos compõem e veiculam textos culturais em diferentes esferas comunicacionais.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no renascimento: O Contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 5 ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- COURTINE, Jean-Jacques (org). Introdução. In: História do Corpo. Volume 3: As Mutações do Olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.
- EAGLETON, T. A ideologia da estética. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge
- FEATHERSTONE, Mike. Body Modification. London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage, 2000. 216
- \_\_\_\_\_. The Body in Consumer Culture, 1982. In FEATHERSTONE, Mike et. Col. (org.) *The body: social process and cultural theory*, London, Sage publications.
- FERRARI, Mônica Rebecca. A memória da cultura e a memória na mídia em produtos audiovisuais infanto-juvenis. In: MACHADO, Semiótica da cultura e semiosfera. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GREINER, Christine e KATZ, Helena. "Natureza Cultural do Corpo". Revista Fronteiras, vol.III, nº 2, 2001, p. 65-75. GREINER, Christine. O Corpo. São Paulo: Annablume, 2005.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpo mídia. In: GREINER, Christine (Org.). O corpo: pistas para estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125-133.
- LOTMAN, Iuri. (1996). La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto. (Desidério Navarro, Org.). Madrid: Cátedra.
- MACHADO, Irene (2003). Escola de Semiótica. A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura. Ateliê Editorial/Fapesp, São Paulo.
- MACHADO, Irene (org.). Semiótica da Cultura e Semiosfera. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2007.
- Machado, Irene; Romanini, Vinícius Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 17, núm. 2, mayo-agosto, 2010, pp. 89-97 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.
- MARTINS, Beatriz Cintra. O texto semiótico da cibercultura: uma análise do processo modelante da autoria no website Overmundo. **Revista Rumores** (online). São Paulo, v. 2, n. 3, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org>

[/index.php/rumores/article/viewFile/6569/5969>](#). Acesso em 18 ago. 2024.

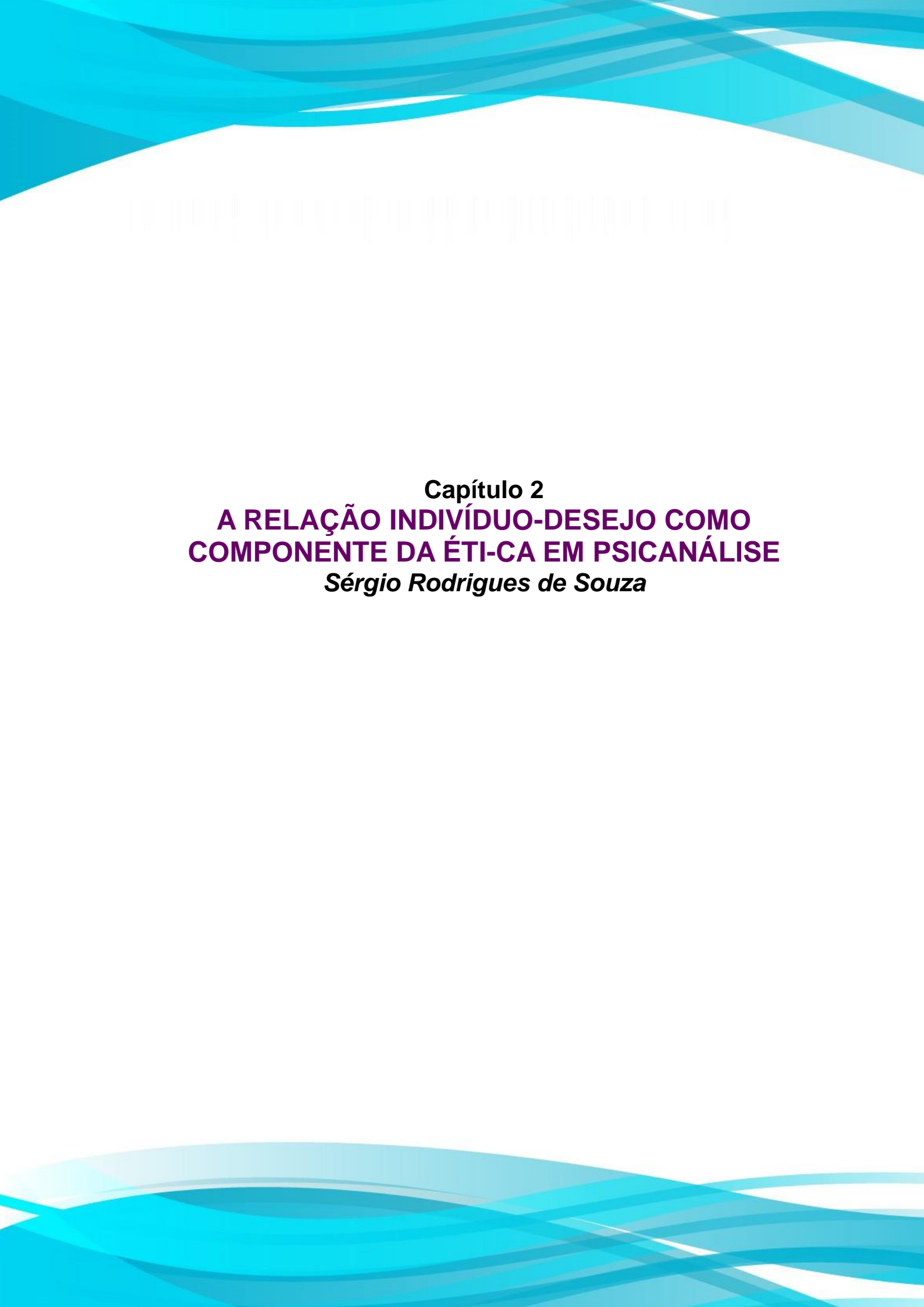
MARTINS, Viviane Lima. Martins, Viviane Lima. O corpo transformado em Extreme Makeover e Tabu América Latina: entre o mesmo e o outsider. 2014. 251 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SCHNAIDERMAN, Boris. (Org.) Semiótica Russa. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SODRÉ, Muniz. A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2002. SODRÉ, Muniz. A máquina de narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TAYLOR, Charles. As fontes do self: a construção da identidade moderna. Trad.: Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola, 1997.

ZALIZNIAK, A. A.; IVANOV, V.V.; TOPOROV, V. N. Sobre a possibilidade de um estudo tipológico-estrutural de alguns sistemas semióticos modelizantes. In: SCHNAIDERMAN, Bóris. Semiótica russa. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 81-97.



**Capítulo 2**  
**A RELAÇÃO INDIVÍDUO-DESEJO COMO**  
**COMPONENTE DA ÉTI-CA EM PSICANÁLISE**  
*Sérgio Rodrigues de Souza*



# A RELAÇÃO INDIVÍDUO-DESEJO COMO COMPONENTE DA ÉTICA EM PSICANÁLISE

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Psicanalista. Pós-Doutor em Psicologia Social. E-mail: [srgrodriguesdesouza@gmail.com](mailto:srgrodriguesdesouza@gmail.com)*

## **RESUMO**

Este artigo aborda a temática envolvendo a complexa relação indivíduo-desejo como componente da ética em psicanálise. Sua relevância científica encontra-se em trazer para a discussão acadêmica pensamentos e hipóteses acerca de como se dá a relação do indivíduo com o desejo e de que forma esta relação vai ligar-se com a ética pessoal no campo psicanalítico, interferindo na análise. Sua relevância social está em que poderá esclarecer ao público amplo como se dá esta relação e a necessidade de que seja mantida na melhor linha de argumentação entre as partes. Trata-se de uma investigação filosófica, bibliográfica, analítica, interpretativa, pautada nos princípios psicanalíticos freudianos. O ser humano é um ser que situa-se entre a satisfação [*imediata*] do desejo e a negação deste. Em ambas as situações, não pode existir ética, porque se o aceita de pronto é um insensato e se o nega, está condenado a uma insatisfação constante, que pode resultar-lhe em uma neurose. Conclui-se que a relação do indivíduo com seu desejo é um caminho que trilha a fim de compreender seus meios e os fins a que almeja, como ente que aprendeu, ao longo do tempo, a administrá-los, a conduzir sua fúria cega por soluções que satisfaçam seus anseios mais instintivos para buscas por entendimentos mais refinados acerca do que é ser e como atuar em um mundo onde existem outros que desejam tanto ou mais que ele próprio.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Ética. Relação indivíduo-desejo.

## **ABSTRACT**

This article addresses the theme involving the complex individual-desire relationship as a component of ethics in psychoanalysis. Its scientific relevance lies in bringing to the academic discussion thoughts and hypotheses about how the individual's relationship with desire occurs and how this relationship will connect with personal ethics in the psychoanalytic field, interfering in the analysis. Its social relevance lies in the fact that it can clarify to the broad public how this

relationship occurs and the need for it to be maintained in the best line of argument between the parties. This is a philosophical, bibliographic, analytical, interpretative investigation, based on Freudian psychoanalytic principles. The human being is a being that stands between the [immediate] satisfaction of desire and its denial. In both situations, there cannot be ethics, because if he accepts it outright he is foolish and if he denies it, he is condemned to constant dissatisfaction, which can result in neurosis. It is concluded that the individual's relationship with his desire is a path he follows in order to understand his means and the ends he seeks, as a being who has learned, over time, to manage them, to conduct his blind fury for solutions that satisfy his most instinctive desires to search for more refined understandings about what it is to be and how to act in a world where there are others who want as much or more than he does.

**Keywords:** Psychoanalysis. Ethic. Individual-desire relationship.

## INTRODUÇÃO

A forma como o indivíduo vai enfrentar seus anelos, desde os mais primitivos, os mais simples e os mais complexos e marcados por uma profunda obscuridade, por vezes, incompreensíveis a si mesmo, carregados de expectativas, ora mais poderosas, ora mais distantes de si, são as marcas que definem seu caráter e sua postura ética ante a existência, que não é isolada de outros seres que, por sua vez, são também criaturas movidas pelo desejo e esta presença marcante de outros, para além de si, mas que funcionam como meios de frustrar a conquista plena de sua [suposta] condição de felicidade, que crê estar na realização e na satisfação de todos os seus desejos o conduz ao caminho do conflito intra e interpessoal e, é na tentativa de solucionar estes confrontos que faz surgir a ética em sua vida. Esta situação peculiar do ser humano conduz a uma interpretação de que a ética, em Psicanálise, não pode ser entendida, nem compreendida de modo isolado da relação do homem com seus desejos, mesmo quando está-se a referir àqueles que fogem aos certames sociais e/ou que estejam muito fora do alcance do entendimento consciente acerca do porquê de sua existência, manifestação e ocorrência.

O ser humano é um ser que vive no limiar entre a satisfação [imediata] do desejo e a negação deste. Em ambas as situações, não pode existir ética, porque se o aceita de pronto é um insensato e se o nega, está condenado a uma insatisfação constante, que pode resultar-lhe em uma neurose. A manutenção da economia psíquica consiste em aprender a equilibrar estas forças antagônicas que presidem a

existência humana, colocando e mantendo o ser preso entre o e princípio do prazer e o princípio da realidade.

O modelo de educação que se adota para os seres humanos, em especial, no mundo ocidental, guiado pelo princípio judaico-cristão, onde não se precisa ser puro; mas, há que parecer como tal e, somente por esta atitude já se tem que a ética está muito distante deste ser, porque a negação da existência de sentimentos [*bons ou maus*] induz a um estado de espírito desequilibrado, a ser visto e interpretado como alguém que não se pode classificá-lo como humano, sem motivos para refletir sobre si mesmo e suas ações e comportamentos no mundo social. Aristóteles (384-322 a.n.e.) diria que este indivíduo é um deus ou um animal; se um deus, porque já nasceu perfeito; se um animal, porque não pensa de modo abstrato, não reflete sobre suas ações.

Desta exposição, extrai-se que o ser humano é um ser indigente, na concepção de Abraham Maslow (1908-1970), porque tão logo satisfaça um desejo surge outro em seu lugar, exigindo que seja atendido e satisfeito. Isto ocorre porque um desejo satisfeito representa um desejo instinto. Não exige após a sua satisfação, a manutenção da esperança, não há expectativa a nutrir, nem um esperar do que possa ser, não existe a aventura, o desejo de realizar aquilo que possa despertar sensações de prazer, que esgotam-se por si só, tão logo, alcançado o gozo sobre o objeto. Ao longo da história vários personagens demonstraram tais atitudes, entregando-se ao deleite de suas aventuras mais bizarras. O Marquês de Sade (1740-1814) é o mais conhecido por suas fortuitas aventuras amorosas em que entregava-se na conquista de mulheres jovens e não sentia por elas o menor desejo além de uma diversão profana e abjeta. E estas mesmas mulheres que, depois alegaram que foram usadas por ele, estavam em seu mais profundo êxtase de exploração do mundo fora de seus padrões de rigor e moral. Não se pode dizer que não atingiram seu ponto mais alto de satisfação do desejo, porque isto seria uma atitude antiética e hipócrita; porém, a sociedade assim o exige de quem ela considera como vítima de outrem.

Chegamos ao ponto de convergência que pode interessar, em que negar o desejo não é uma atitude ética, entregar-se ao desejo é uma atitude antiética; buscar uma satisfação falsa sobre o desejo é outra atitude antiética e tudo se conjuga na negação do que a natureza coloca como real, porque o desejo de ser feliz e a realização de tal intento, o de ser feliz, são ações que nem sempre são complemen-

tárias e muito mais, crer que, ao satisfazer os desejos isto constitui uma fonte de alegria é outro erro. Isto representa uma verdade, enquanto não atingido. Sendo assim, onde situaria a justa medida entre a satisfação do desejo ao ponto de que isto trouxesse felicidade e respeitasse as regras sociais, o que consiste, na utilização da ética, como valor?

Não existe uma resposta objetiva para tal questionamento, mas a educação ao ponto de permitir ao indivíduo que equilibre sua libido para que encontre o ideal para si, enquanto ser desejante e enquanto ser social é a função da ética compreendida pela Psicanálise, onde coloca que a insatisfação individual em nome da felicidade coletiva é uma negação de si mesmo enquanto indivíduo e tal atitude não pode ser entendida como sendo representação de comportamento ético.

O indivíduo não suprime muitos de seus desejos em nome do coletivo ou por imposição deste; o que faz é transformá-los em situações, coisas, produções, criações de todas as ordens, em nome de um ideal maior, que é a sua satisfação egóica. A este comportamento, Freud chamou de sublimação e que rendeu-lhes extensos estudos e interpretações. Não fosse por esta atitude, a sociedade estaria marcada por um conjunto de indivíduos infelizes e com fortes tendências ao suicídio. Desta forma, a natureza encontrou uma forma de conciliar a satisfação dos desejos mais insanos à ética mais draconiana, permitindo que o ser humano viva feliz e em potencial harmonia com seus *dáimons* mais obscuros.

## **DESEJO E ÉTICA EM PSICANÁLISE**

A questão ética colocada pela Psicanálise é a ética do desejo, em que o gozo pleno somente é alcançado por meio da não satisfação [*imediata*] do desejo. Isto pode parecer, *a priori*, um paradoxo, porque, a não satisfação do anelo pode tornar-se causa de sentimentos de angústia e frustração; porém, o que está em debate é que, se este anseio se prolonga indefinidamente, podem surgir outros interesses e o que representava uma satisfação pode ser uma negação camuflada, ou seja, cria-se um estado em que não se sente realizado com o alcance do que se buscava, aparentemente, com tanta efusão. Nem Freud, nem Lacan falam ou sugerem com isto que se negue o desejo; suas alegações são antes que, se crie uma situação de equilíbrio em que a realização do desejo latente seja fonte de satisfação quando o este venha a ser, efetivamente, realizado.

A Filosofia vê a ética como uma forma de utopia que não consegue possibilitar ao homem a sua plena satisfação, conseqüentemente, não lhe despertando para a felicidade, porque esta o cerceia, impede-o de alcançar aquilo que busca a seu contento. Prova disto, são os inúmeros anos de disciplinarização a que é submetido o ser humano, a fim de dominar seus instintos, em que aprende a conter seu desejo e a sublimá-lo de modo eficiente, a isto denominam educação. Já a Psicanálise compreende a questão ética como algo a ser vivido em sua plenitude, o que por si só já pode ser interpretado como um paradoxo, porque se o indivíduo atravessa os limites, cai no desamparo social, se nega ao desejo cai na neurose. Portanto, a ética estaria em satisfazer o desejo, na qualidade de desejo que agrega felicidade ao indivíduo, uma vez realizado. Portanto, tem-se, assim, que a ética, no preceito psicanalítico funciona como uma *Cama de Procrusto*, uma justa medida. A posição que o indivíduo assume na experiência ética é a de ser sujeito ativo da experiência, porque não pode sucumbir ao desejo e à sua satisfação bizarra, mas, antes deve ser capaz de sublimar a experiência, transformando-a em experiência da ética.

Ética é um termo que significa, literalmente, *comportamento*, e que para Aristóteles de Estagira (384a.C.-322a.C) ético é o indivíduo que respeita as regras estabelecidas pelo Estado. No caso da Psicanálise, as normas impostas pelo Superego. Isto é uma situação de confronto, porque as normas político-sociais confrontam, diretamente, com aquilo que mais desperta a satisfação individual, considerando que o ser humano abre mão de sua singularidade, em nome da alteridade, por interesses nem sempre louváveis e esta supressão de sua vontade soberana, colocando-a sob jugo da vontade coletiva não é o que busca em sua categorização como ser ontológico.

A Psicanálise trabalha com a questão ética que envolve a relação do indivíduo com seu Eu, como enfrenta, confronta e convive com seus desejos, porque ela redireciona o sentimento de individuação e de castração colocado pela cultura sobre as sensações provocadas e despertadas pelo desejo e permite que cada um lide com seus enfrentamentos particulares, como melhor atender-lhe, considerando que suprimir o desejo não se trata de uma atitude ética, porque isto geraria o confronto psíquico, trazendo desconforto ao indivíduo e conseqüentemente, uma neurose, porque perturba a ordem e a economia psíquica. Portanto, a questão ética posta pela Psicanálise é o justo equilíbrio entre as forças desejanças e a pressão cultural e ela, como técnica, pode conferir este potencial ao indivíduo. “Trata-se, antes de mais

nada, da experiência que começa com uma implicação subjetiva e que conduz à dessubjetivação” (PEREZ, 2017, p. 19).

Aqui, o autor quer referir-se ao fato de que aquilo que se trata de uma manifestação inconsciente, passa a ser vista e interpretada como uma experiência consciente, em que cada parte entende o seu papel, ao mesmo tempo em que uma condição subjetiva, entendida neste espaço como individual, chega ao ponto de ser coletiva, porque atravessa os espaços vazios entre o que o indivíduo sente e o que ele manifesta, como verdade empírica. Esta verdade é que o homem não é livre fora de seu mundo psíquico e, em pouco tempo, descobre que até mesmo nele está sujeito a ordenamentos que não existem filogeneticamente; mas, que são introduzidos em seu estado de espírito, conformando sua condição psicológica. O medo de, até mesmo em pensamento, ser condenado ao ostracismo por seus atos e sua razão, às vezes contrária ao ordenamento do *stablishment*, o faz obedecer a ética social, mesmo contrário a ela.

Uma boa parte da história da Filosofia procurou compreender a questão ética como a relação do indivíduo com o outro, um conjunto de normas a ser seguidas, respeitadas e obedecidas e jamais transgredidas, porque assim agindo, o indivíduo encontraria a suprema felicidade e com isto, “marcou os limites da razão e reelaborou a dicotomia das noções de consciente-inconsciente” (PEREZ, 2017, p. 19). No entanto, com o surgimento da Psicanálise, isto tornou-se de uma complexidade absurda, porque tomou-se de conhecimento que existe uma parte do ser humano que age sem que a outra tenha noção e domínio, até que se tenha realizado o fato ou que, por esforço, possa ser compreendido, como parte de si. Ao mesmo tempo em que o homem deixa de ser senhor absoluto de si e de suas ações, ganha um espaço para defender-se de suas ações imoderadas, que em outros tempos, caberia um julgamento severo e impiedoso; porque faltava um elemento que explicasse o que ia e vinha no pensamento abstrato.

A compreensão dos mecanismos de ação do pensamento humano, através da observação de seu comportamento individual e coletivo, de atos falhos e da busca de satisfação de seu ego e, não podendo fazê-lo conforme seu desejo sublima suas ânsias, seus medos e tudo isto provoca novas formas de experiência, compreendendo que uma experiência representa aquilo que o indivíduo vive como sendo parte de sua existência, o que ele faz com sua vivência e a partir dela, ou seja, é algo que atravessa o ser, deixando neste uma marca indelével. O mito tem ajudado

aos indivíduos a compreenderem e mesmo a esclarecer aquilo que não poderia ser explicado de uma forma conceitual, que é como esta experiência da ética pode e deve ser entendida no nível da consciência, considerando que o inconsciente é onde a vida e o viver acontecem de maneira mais intensa, porque é ali que ocorrem os confrontos entre o que se busca, o que deseja e o que se pode ter acesso e realizar. O ideal será ideal, ou seja, uma coisa utópica, que foge ao possível dadas as conjecturas da vida social humana, indispostas aos desejos humanos mais profundos, um eterno conflito entre o ideal e o real, este que não é o que vemos ou sentimos; mas, algo que não pode ser tocado nem sentido porque está sempre acontecendo.

Segundo Di Matteo (2006), para a psicanálise freudiana não existe uma ética originária inscrita de modo inato no pensamento do homem. A problemática ética surge na medida em que o indivíduo pode e deve ser pensado sempre dentro do campo da cultura. Nesse sentido, a *gênese* ou *as fontes* da moral são duas: uma relacionada com o intransponível desamparo infantil e sua dependência das vontades dos pais reais, educadores, figuras de autoridade, os quais não passariam de uma reatualização da vontade do pai primevo. A segunda, da necessidade *racional* de prescrições para regular a existência e convivência humana, “pela necessidade de delimitar os direitos das sociedades contra o indivíduo, os direitos do indivíduo contra a sociedade e dos indivíduos uns contra os outros” (FREUD, 1939, p. 145).

Aqui, neste pensamento, Freud explicita qual a função da ética na formação da personalidade e da condição humana, em que esta caracteriza-se como sendo de caráter social, empírico, uma forma de manter a justiça e a equidade social, onde as partes possam respeitar-se, em nome de um bem-estar maior, a segurança contra a tirania e a violência daqueles que detêm maiores poderes contra aqueles que são mais fracos. Ela surge em meio aos momentos observados em que somente o desejo volitivo dos indivíduos se sobrepõem a tudo o que os possa impedir de alcançar sua satisfação, ou mesmo porque desejava agredir seus companheiros mais fracos, porque isto garantia-lhe êxtase, confirmação de sua superioridade e reconhecimento de sua autoridade. Neste sentido que surge uma ética do inconsciente, em que seus desejos insanos são sublimados, transformados em estratégias que agradam ao público, ou seja, o mais forte continua sendo reconhecido como o mais forte, porém, sua descarga libidinal é direcionada para fins que a sociedade julgue como sendo honestos.

A posição do indivíduo na experiência ética da Psicanálise é, relativamente, passiva-ativa, porque apesar de seu inconsciente trabalhar como se estivesse assumindo o controle absoluto das coisas, existe o desejo que o indivíduo controla, porque de outra forma estaria condenado ao ostracismo social. Portanto, a experiência ética propiciada na experiência analítica não é normativa porque o que o indivíduo encontra nela é o seu próprio desejo, o que o torna, assim como o próprio indivíduo, único, irreproduzível a situação da experiência ética. Freud (1982, p. 456-457) admite que “a psicanálise também tem sua escala de valores, mas seu único objetivo é a harmonia enaltecida do Ego, que se espera que consiga ser o intermediário entre as exigências da vida instintiva (o “Id”) e as do mundo exterior; entre, portanto, a realidade interna e externa.”

Neste tópico, Freud explana a função primordial de sua técnica, que é a de promover o bem-estar individual, de maneira que os laços entre os desejos pessoais e os anseios sociais possam manter-se sobre um estado de equanimidade. Como afirmou a deusa Athena, após o julgamento de Orestes, nem tirania nem anarquia e no caso específico da Psicanálise, a manutenção do ordenamento que dita aquilo que pode ser alcançado e exposto e aquilo a que os indivíduos devem guardar para suas próprias introspecções.

Um exemplo que posso utilizar aqui é o caso do naufrágio do transatlântico de luxo *Titanic*, acidente histórico que ocorreu, no início do Século XX (1912), culminando na morte de mais de 1.500 indivíduos. Deste acidente, podemos extrair dois momentos de reflexão sobre a questão ética: a primeira foi que devido aos princípios de ética inglesa e a formação moral deste povo, que possui o hábito de seguir as regras à risca, apenas 60% dos botes salva-vidas foram ocupados. A regra principal nestes casos era: crianças e mulheres primeiro; depois, os outros. Isto nos permite deduzir que a cultura e os valores, a postura comportamental já estava tão arraigada no inconsciente de cada indivíduo naquele momento que a ordem e a disciplina deve prevalecer em qualquer situação, mesmo nas mais complexas.

Outra situação é que naquele momento estavam a bordo, 6 (seis) das 10 (dez) maiores fortunas do mundo, ou seja, os homens mais ricos do mundo e mais “centenas de milionários, incluindo quatro das dez maiores fortunas do mundo, e nenhuma delas sobreviveu. Eram homens muito ricos, mas que não pagaram com dinheiro a própria condição de sua sobrevivência, *i.e*, não pagaram com dinheiro o lugar no bote salva-vidas” (SOUZA, 2012, p. 23), indivíduos que poderiam pagar o



que fosse por uma vaga nos bote salva-vidas e ainda assim, não o fizeram, em cumprimento a um princípio ético. E, por não ousarem romper com seus princípios, morreram.

Pode-se discutir aqui, se era correto tentar subornar os guardas que faziam a organização das pessoas para os botes, ou se havia uma possibilidade de se quebrar as regras para salvar vidas e até que ponto isto pode ser considerado ético. Estranho trabalhar isto em nível consciente porque a vida está acima de tudo, isto é uma regra social, mas, para aqueles ingleses, a ética estava acima de tudo. Suponho que não conseguissem conviver com a ideia de terem violado um princípio moral e aqui temos a questão do inconsciente agindo, em que o risco de vir a morrer vale uma consciência tranquila.

Sócrates (469a.C.-369a.C.) mantinha a concepção de que mesmo aquele que preserva os preceitos da lei, ainda que pudesse transgredi-la, o fazia na intenção de ser reconhecido como um homem de caráter elevado e não perderia nenhuma oportunidade de exaltar-se, a fim de demonstrar sua superioridade, em forma de valor. A este tipo de homem, Nietzsche (1844-1900) o descaracteriza, dizendo que é um fraco, que conseguiu exibir sua força por meio de um subterfúgio. Já sob o viés analítico da Psicanálise, tem-se aí, um perfil de um indivíduo que sente-se inferiorizado ante os demais e que deseja expor algum tipo de força bruta, fazendo-se superior ou igual aos demais, quando tal valor é bem visto e agraciado pela sociedade que o acolhe. O que interessa neste amálgama todo é reconhecer como o homem se comporta com seu próprio ser em si e para si. E tal qual Freud afirma, acima, a função da técnica psicanalítica é auxiliar estes indivíduos a encontrarem tal forma de manterem-se estáveis do ponto de sua economia psíquica e para isto, há que dialogar com seu inconsciente, seja por meio da interpretação de seus sonhos, atos falhos ou pela compreensão de suas atitudes mais corriqueiras, que tentam esconder seu verdadeiro perfil ético.

## **CONCLUSÃO**

Até a criação da Psicanálise, por Freud, no século XIX, as discussões em torno da ética eram tratadas como assuntos de caráter social, sendo uma visão da vida extra psíquica, não sendo considerados os conflitos de ordem interna a que estava submetido o ser humano ao longo de sua existência. Sócrates chega mesmo a afir-

mar que o homem, quando não está sob os olhos dos outros, mostra aquilo que realmente é, uma criatura que vive para satisfazer aos seus desejos mais primitivos e bizarros. Não é o que se percebe quando se aprofunda no estudo do inconsciente, à luz das teorias apresentadas pelo Mestre de Viena, em que o surgimento do sentimento de culpa e o desejo de ser aceito em meio aos outros conduz ao indivíduo a seguir princípios éticos rigorosos e que, em muito mais o castra em seus anseios e desejos.

Freud é categórico ao afirmar que a técnica, por ele criada, tem a função de auxiliar os indivíduos a buscarem e a encontrarem o equilíbrio entre as forças repressoras do SuperEgo e a força desejante do Id, o que via de regra vai gerar embates, mais ou menos violentos e que a conclusão não pode representar a vitória de um sobre o outro, porque sob a óptica da ética, em ambos os casos estar-se-ia violando-a ou impedindo que ela atue na formação do equilíbrio mínimo necessário para se alcançar a harmonia do indivíduo com o seu meio cultural.

A própria ética nasce desta necessidade de conciliação dos homens com os outros, uma vez que a ânsia por satisfação exasperada colocava a todos na iminência de todos contra todos e nesta condição de direitos iguais, a luta tornava-se desigual, porque aqueles que fossem mais fracos, como as mulheres e as crianças, seriam massacrados ou teriam que fazer uso de ardis cada vez mais ferozes para sobreviverem às investidas dos seus algozes, que buscavam nada mais que a satisfação de um prazer brutal e selvagem. Nisto, tem-se que a ética surge, não apenas para preservar a vida dos mais indefesos e menos rapaces; ela se presta a proteger aos mais violentos, porque um dia, a natureza vai conceder aos agredidos a mesma condição de revolta que se outorgaram os outros e, como consequência, tem-se instalado o estado selvagem preconizado e descrito por Thomas Hobbes, em *O Leviatã*.

Com o surgimento da ética, o homem passou a canalizar sua força bruta desmedida e irracional para fins que pudessem evitar o conflito e a sua expulsão do convívio cultural, não porque fosse dotado de uma razão superior, mas porque isto o colocaria na berlinda da sobrevivência, uma vez que era mais forte que alguns de seus iguais, mas era [quase] completamente indefeso ante os animais rapaces. Logo, dependia do grupo para sua sobrevivência em meio à selva. Isto já deixa muito claro que sua postura está vinculada a um aspecto existencial, a uma condição de pertencer a um grupo e esta condição singular podia garantir-lhe devida carga de

segurança emocional. Com isto, temos que o respeito à ética é uma forma de estratégia, não um preceito que o ser humano adota como desejo volitivo; aliás, ele suprime vários de seus desejos, sublimando outros, a fim de poder fazer parte do espaço de convivência.

É aqui que pode-se chegar a concluir que a relação do indivíduo com seu desejo é um caminho que trilha a fim de compreender seus meios e os fins a que almeja, como ente que aprendeu, ao longo do tempo, a administrá-los, a conduzir sua fúria cega por soluções que satisfaçam seus anseios mais instintivos para buscas por entendimentos mais refinados acerca do que é ser e como atuar em um mundo onde existem outros que desejam tanto ou mais que ele mesmo e que são forçados, também, a suprimir seus anelos; logo, a solução é a potencialidade para sublimar estes desejos, permitindo que a luta entre as instâncias psíquicas ocorram sem maiores prejuízos para a economia psíquica individual.

## REFERÊNCIAS

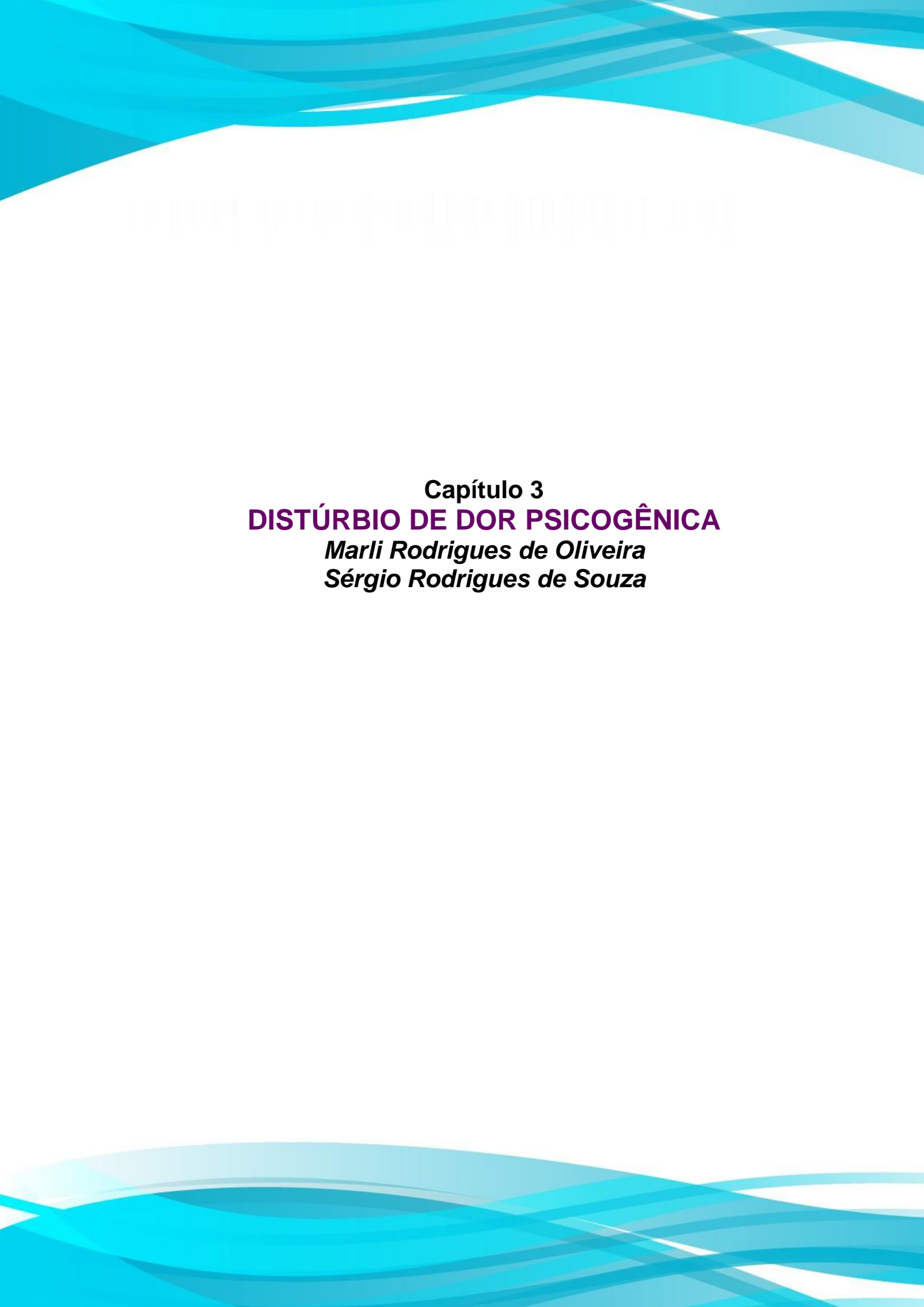
DI MATTEO, Vincenzo. Os discursos éticos de Freud. *In: Estudos de Psicanálise*. n.29. Belo Horizonte, set. 2006, p. 57-66.

FREUD, Sigmund. (1939). *Moisés e o monoteísmo*. *In: Edição das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. XXIII.

FREUD, Sigmund. *Correspondência de Amor e outras cartas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREZ, O. D. *A ética da Psicanálise*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2017.

SOUZA, S. R. *A ética e suas implicações na formação da condição humana*. Mutum: Expresso Gráfica, 2012.



**Capítulo 3**  
**DISTÚRBIO DE DOR PSICOGÊNICA**  
*Marli Rodrigues de Oliveira*  
*Sérgio Rodrigues de Souza*

## DISTÚRBO DE DOR PSICOGÊNICA

**Marli Rodrigues de Oliveira**

*Acadêmica no curso de Psicologia pelas Faculdades Doctum - Unidade Serra (ES).*

*E-mail: [marli.olv@hotmail.com](mailto:marli.olv@hotmail.com).*

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Psicanalista. Pós-Doutor em Psicologia Social. E-mail: [srgrodriguesdesouza@gmail.com](mailto:srgrodriguesdesouza@gmail.com)*

### RESUMO

Este artigo aborda a temática 'distúrbio de dor psicogênica'. Sua relevância científica encontra-se no fato de esclarecer sobre esta forma de dor que aparentemente tem uma sintomatologia completamente psicológica e que, por este fato, acaba sendo tratada pelos médicos como falsa ou de caráter virtual, o que não justifica-se porque quem padece deste mal tem sensações de dor muito reais. Sua relevância social está no aspecto de apresentar a população elementos científicos que esclareçam que nem todo tipo de dor que não poder ser diagnosticada pelo médico é irreal e com isto tentar denegrir a pessoa do doente. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, factual, fundamentada em estudos e autores clássicos sobre o assunto. O objetivo é aprofundar os estudos acerca deste tipo de sofrimento pessoal que acomete uma boa parcela da população. A dor psicogênica pode ser definida como uma sensação dolorosa que não tem base orgânica. É qualquer dor de origem totalmente mental, e que se fixa numa parte da anatomia. Tem-se uma aproximação ao entendimento de que o distúrbio de dor psicogênica não é uma doença, *a priori*; antes, um alerta em relação a um conflito de ordem psicológica sem precedentes e que a sua existência e persistência são insuportáveis ao indivíduo e, estranhamente, o seu esclarecimento se transforma em uma doença, porque revela a presença de um agente etiológico. Muitos estudos ainda têm que ser levados a efeito, com a finalidade de esclarecer como o pensamento humano funciona e que mecanismos utiliza a fim de preservar e manter a economia psíquica, por vezes, valendo de subterfúgios como a supressão mnemônica de eventos que o indivíduo poderia não suportar de maneira convencional; porém, chega um momento em que o cérebro exige o res-

tabelecimento da ordem quebrada pela situação a ser descoberta, porque suprimida em prol do bem-estar do paciente.

**Palavras-chave:** Distúrbio de dor psicogênica. Distúrbios mentais. Psicanálise

### **ABSTRACT**

This article addresses the topic of 'psychogenic pain disorder'. Its scientific relevance lies in the fact that it sheds light on this type of pain that apparently has completely psychological symptoms and that, for this reason, ends up being treated by doctors as false or virtual in nature, which is not justified because those who suffer from this illness experience very real sensations of pain. Its social relevance lies in the aspect of presenting the population with scientific elements that clarify that not every type of pain that cannot be diagnosed by a doctor is unreal and, in doing so, attempts to denigrate the person of the patient. This is a bibliographical, factual research, based on classic studies and authors on the subject. The objective is to deepen the studies on this type of personal suffering that affects a good portion of the population. Psychogenic pain can be defined as a painful sensation that has no organic basis. It is any pain of entirely mental origin, and that is fixed in a part of the anatomy. There is an approach to the understanding that psychogenic pain disorder is not a disease, a priori; rather, a warning regarding an unprecedented psychological conflict, the existence and persistence of which are unbearable to the individual, and, strangely, its clarification turns into a disease, because it reveals the presence of an etiological agent. Many studies still need to be carried out, with the aim of clarifying how human thought works and what mechanisms it uses to preserve and maintain the psychic economy, sometimes using subterfuges such as the mnemonic suppression of events that the individual could not bear in a conventional way; however, there comes a time when the brain demands the reestablishment of the order broken by the situation to be discovered, because it was suppressed for the sake of the patient's well-being.

**Keywords:** Psychogenic pain disorder. Mental disorders. Psychoanalysis.

## **INTRODUÇÃO**

A *dor psicogênica*, também chamada *psychalgia* ou *dor somatoforme*, é uma dor causada, aumentada ou prolongada por fatores de ordem mentais, emocionais ou comportamentais. Diferentemente da dor psicossomática, que nesta o pensamento está expondo um conflito interno utilizando-se de uma expressão corporal, como no caso de lutos, perdas sentimentais, induzida pela rejeição social, desafeto amoroso, tristeza, amor doentio, ou outros eventos de caráter emocionais; nos sintomas

de dor psicogênicas, as causas estão tão profundamente arraigadas no sistema psíquico que até mesmo o paciente ignora as *[possíveis]* origens de sua causa.

A Medicina refere-se, também, a *dor psicogênica* ou *psychalgia* como uma forma de dor crônica sob o nome de *transtorno de dor somatoforme persistente*. As causas podem estar ligadas ao *stress*, conflitos emocionais, problemas psicossociais ou a transtornos psíquicos. Alguns especialistas acreditam que a dor crônica psicogênica existe como uma distração de proteção para manter perigosas emoções reprimidas, como a raiva explícita ou a raiva inconsciente. É bem plausível imaginar que, na presença de um egodistônico, em que existe um conflito acontecendo de forma inconsciente e que este entende que o indivíduo se mostra incapaz de enfrentá-lo, não permitindo que se torne consciente, a batalha interna tenda a despertar tais reações nervosas, que explicitam a necessidade de uma válvula de escape qualquer, a destacar dores corporais em regiões não previstas, por não apresentarem nenhum tipo denexo causal.

Os doentes são, muitas vezes, estigmatizados; pois, os profissionais da área médica e público em geral tendem a pensar que a dor de origem psicológica não é real. No entanto, os especialistas consideram que não é menos real ou menos dolorosa do que a dor oriunda de outras fontes. Não há um mecanismo eficaz que seja capaz de medir a dor de alguém; somente quem a sente pode dizer a dimensão de sua força e capacidade para tolerá-la; porém, não se pode perder de vista que o estado emocional tende a influenciar nesta condição de suporte, não é uma situação que pode ser prescrita ou ser indicada por outrem. O tratamento psicoterapêutico auxilia o paciente a buscar os elementos tangíveis e intangíveis que, de alguma forma, consciente ou inconsciente esteja provocando e conduzindo a tal situação (Langley & Cheraskin, 2010).

O problema sobre como enfrentar a situação posta pelo paciente é um desafio que transcende a própria ação do psicoterapeuta, exatamente, porque ter que avançar sobre um espaço afetivo-emocional que, mesmo a despeito dos sinais já dados pelo inconsciente de que existe uma condição traumática que está *exigindo* ser esclarecida, a dimensão de potência do indivíduo em conseguir enfrentar uma situação que, para ele, era até então desconhecida é, na mesma proporção, uma incógnita ao médico e/ou terapeuta.

O que se objetiva, com os exames e testes, entrevistas cognitivas, sendo esta última a forma que mais se aproxima de mostrar-se eficaz na descoberta da causa

do distúrbio de dor somatoforme, incorre-se no problema de que todo o material psicológico inconsciente que fora reprimido pelo cérebro, como forma de proteger a integridade física e moral do indivíduo se revele como uma erupção de um vulcão adormecido, provocando situações conflituosas que se mostrem [*quase*] impossíveis de serem solucionadas. Eis que, diante de tal enfrentamento, o médico e/ou terapeuta se veja posto na condição de uso de medicamentos paliativos, analgésicos mais poderosos; não porque não tenham condições técnicas de proporcionar um estado de cura aos pacientes; mas, pelo fato de que sabem que estão diante de um fenômeno que ultrapassa os limites do conhecimento técnico e empírico que dispõem e que, por mais estranho que pareça, não é o corpo quem está comunicando o trauma sofrido; é uma outra instância, mais poderosa e mais complexa e que, por mais estranho que possa ser a afirmação aqui colocada, é antropomórfica; logo, deve ser analisada a partir de uma interpretação assim definida, *a priori*.

O inconsciente humano é uma instância que, ressalvados os devidos créditos negativos que o senso comum e a ignorância junto ao despeito à Psicanálise Freudiana lhe infundiram, o seu interesse no que se refere à saúde psíquica é a busca pelo equilíbrio e a harmonia do ser humano com seu eu de forma integral. Por algum motivo, caso isto não se mostre possível, provocado por alguma situação conflitante e traumática, ele, ao compreender que o indivíduo já possui condições de enfrentar a situação, com determinado poder ou que, a crise se mostra insustentável, podendo levar a desfecho trágico, lança sinais empíricos àqueles que estão ao redor, porque pode ser que não haja risco iminente de que pereça; mas, já está demonstrado que o paciente necessita de ajuda especializada, ao menos para preservar a sua existência e/ou parte de sua sanidade, não se perdendo no reino da alienação em que pode permanecer fixado para sempre.

Assim interpretado, tem-se uma aproximação ao entendimento de que o distúrbio de dor psicogênica não é uma doença, *a priori*; antes, um alerta em relação a um conflito de ordem psicológica sem precedentes e que a sua existência e persistência são insuportáveis ao indivíduo e, estranhamente, o seu esclarecimento se transforma em uma doença, porque revela a presença de um agente etiológico.



## **SOBRE O DISTÚRPIO DE DOR PSICOGÊNICA**

O DSM-IV denomina como dor psicogênica Distúrbio da Dor. Esse distúrbio é diagnosticado quando o paciente está preocupado com uma dor, mas não se descobre qualquer doença orgânica ou mecanismo fisiopatológico após uma avaliação adequada ou, quando há uma doença orgânica, a queixa de dor ou comprometimento social ou ocupacional resultante são extremamente excessivos em relação ao que seria esperado. Frequentemente, uma relação temporal pode estabelecer-se entre um estímulo ambiental associado a conflito psicológico e uma exacerbação da dor. Apesar de avaliações médicas extensas, muitos desses indivíduos persistem na busca de atenção médica; alguns insistem em curas cirúrgicas. Solicitações de atestados de incapacidade e de analgésicos são comuns; frequentemente ocorre dependência química. No manejo desses pacientes é importante pesquisar e tratar a depressão. Antidepressivos tricíclicos, ocasionalmente, melhoram os sintomas, mesmo quando o paciente não preenche os critérios de um episódio depressivo grave (TRIBOLI, 2003).

Classificar a dor psicogênica como distúrbio da dor é um tanto ingênuo, porque a própria dor em si já é uma alteração da normalidade, portanto se a considera como uma anormalidade deve-se ter em conta que sentir dor é algo normal. Poderia ser se considerar que as terminações nervosas irão conduzir tais sensações aos centros de captação e emitir uma resposta como mecanismo que colabore na diminuição e/ou cessação do mal estar, mas, em termos genéricos, a classificação dada pelo DSM-IV é obtusa e, em muitos casos, sem fundamentos semânticos.

Pelo que é discutido na literatura médica e psicoterapêutica, o uso de medicamentos indicados para tratamento de depressão induz a pensar em um conflito provocado por um egodistônico e a supressão da produção de determinados hormônios podem provocar o adestramento do humor e nada a mais, permitindo que o conflito seja minimizado pelo estado de admoestação farmacológica provocada pelos calmantes e outros psicotrópicos, o que não revela o fim do mal e nem o controle de sua causa-prima.

Etimologicamente, “a dor psicogênica seria aquela em que, na sua origem, o estímulo psíquico estaria responsável por seu eliciar. Porém, teórica e praticamente, o conceito de dor psicogênica não deve ser traduzido segundo somente a esse prin-

cípio. Há necessidade da distinção conceitual objetiva para sua melhor compreensão” (FREUD, 2006, s.p.).

Observa-se um Sigmund tomando todo um cuidado para dizer que, a expressão epítética *psicológica* acrescida a determinadas expressões de comportamentos faz referência a *desconhecido*, na mais educada forma de expressar-se e, um autêntico *não sei*, em que fica patente a ignorância do profissional diante do problema posto. Como psicoterapeuta, ele havia sempre de buscar as respostas a estas situações de enfrentamento no inconsciente, tentando dialogar com o mesmo até encontrar as raízes psíquicas e os caminhos somáticos que a fizeram dirigir-se até onde se manifestam os sintomas clínicos.

Por causa da sua expressão orgânica, geralmente, os pacientes procuram um médico especialista, confiantes que já sabem, de antemão, que seu problema pode ser resolvido por aquele profissional específico; quando, deveriam ser encaminhados após a consulta preliminar, a um psicoterapeuta, para em conjunto realizar a tentativa de cura. Isto vai de confronto com a expertise do médico plantonista e da amamnese a que é submetido o paciente, por ocasião da consulta. Como os traumas se manifestam ou procuram se revelar ao paciente é uma condição que ninguém pode prever; a única coisa que se sabe é que a busca pelo estado de equilíbrio psicoemocional no humano é algo que se situa fora do campo da consciência, cabendo a esta, nada mais que o gozo da felicidade proporcionado pelo bem-estar.

A dor psicogênica pode ser definida como uma sensação dolorosa para a qual não se tem conhecimento de uma base orgânica que a esteja a provocar. É qualquer dor de origem, totalmente, psicológica, e que se fixa numa parte da anatomia. Em muitos casos é sintoma de uma neurose latente que o paciente pode ou prefere ignorar. A característica predominante desse distúrbio é que o paciente relata sentir dor, mas não se descobre qualquer causa orgânica provável que poderia estar a provocá-la. “O conceito de dor psicogênica não é universalmente aceito, mas tem sido objeto de inúmeras pesquisas e é largamente utilizado em textos sobre dor. Quando se escuta a expressão ‘dor psicogênica’, quase imediatamente, vem a associação com sintomas fictícios ou simulatórios” (MERSKEY & BOGDUCK, 1994, s.p.).

A empáfia com que a comunidade médica ousa creditar a si mesma o determinismo sobre tudo o que os outros sentem ou deixam de sentir, fundamentados na ignorância dos demais acerca dos fenômenos psicofísicos faz com que, ao se depa-

rarem com situações nas quais não podem encontrar uma explicação, ao menos, plausível, já determinam como sendo falsa ou inexistente ou, ainda que os pacientes estão em busca de atenção. O estranho é que, quando afirmam tal coisa não estão de todo errados; havendo que esclarecer o que este deseja com tal estado de atenção, compreendendo que este desejo é patológico, exigindo intervenção de um profissional que, de fato, possa atender a tal expectativa particular.

Tomar a dor psicogênica como fictícia é adotar a filosofia do *ex nihilo*, em que nada nasce do nada e isto é uma condição abusiva e antiética oriunda de alguém que jurou tratar o sofrimento alheio com total deferência e tratamento investigativo. Por mais que alguém possa simular uma situação de dor, o seu comportamento, em algum momento o denunciaria e, um profissional experiente saberia dirigir-lhe questionamentos que colocariam em dúvida a sua dor. Um caso bastante clássico são as dores estomacais e dores de cabeça a que foi acometido o pensador alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), em que depois de consultar a maioria dos especialistas de vários campos médicos, em toda a Europa, não foi constatada nenhuma orgânica anomalia que explicasse a etiologia de suas fortes dores. Isto não constituiu prova ou suspeita de que estivesse encenando suas crises; apenas revelou que o conhecimento médico da época era insuficiente para diagnosticar a causa do seu mal.

Nunca é somenos esclarecer que dor não é doença, é sintoma, uma expressão orgânica revelando que algo não se encontra funcionando como deveria ser. Ao não se encontrar a sua origem ou nexos causal com algum problema, não se pode tomar o efeito como causa simulatória para fins escusos e esdrúxulos. Na mesma proporção, para os fisiologistas, em que toda dor deve, obrigatoriamente, estar vinculada a uma causa detectável, alegar que se trata de expressões causais neuropáticas é rebaixar o nível médico ao charlatanismo, quase aproximando-o da bruxaria.

O conhecimento sobre a dor e sua intensidade é um espaço complexo, porque existem indivíduos que se mostram mais resistentes, enquanto outros se mostram mais sensíveis a ela; mas, em não se revelando uma fonte orgânica palpável a alternativa é utilizar um tratamento sintomático, determinado pela condição de delineamento neurológico, ou seja, há que buscar acalmar o sistema nervoso e suas adjacências de tal maneira que alivie, na expectativa de que possa interromper por completo, com o agravante de que, sendo de origem psicológica, surge outro fator que se mostra um imenso complicador, o fato de que não se sabe quando e nem onde *pode* manifestar-se novamente.

Não se trata de uma dor cerebral, porque se assim o fosse, seria especificamente, na região da cabeça e, o que se sabe é que o cérebro comanda todo o sistema que envolve o organismo e as questões afetivo-emocionais não são palpáveis e, muito menos detectáveis sem a aplicação de técnicas muito específicas, podendo, no máximo, deduzir que assim o seja, caso o paciente se recuse a declarar que sente algo que possa incomodar sua vivência tranquila. Há, ainda, a situação em que mesmo sentindo a dor psicogênica, o próprio paciente revela não haver qualquer espécie de conflito a incomodar o seu mundo intrínseco, considerando o que já foi expressado acima, de que tudo foi protegido de sua memória consciente, exatamente pela dimensão do trauma ocorrido; mas, uma hipótese de trabalho que se pode aventar é em torno da idade dos pacientes que apresentam tal sintomatologia clínica, se são acima de 35 anos de idade, momento em que o Ego busca resolver os seus conflitos e as fugas para o mundo dionisíaco já não são suficientes para fazer com que encontre o equilíbrio exigido por seu Ego para se chegar ao estado de egossintônico, o que Nietzsche chamou de apolíneo.

Este é um caminho para se tentar encontrar o *leitmotiv* que permita conduzir um tratamento que auxilie aqueles que são acometidos por tal distúrbio. Nem sempre a literatura médica leva em conta este detalhe, o que impede uma análise mais profunda e a produção de uma hipótese robusta em direção ao caso. A partir desta idade, os sonhos tendem a ser mais esclarecedores acerca de situações traumáticas vividas em idades da primeira infância e até mesmo por volta do período de latência, em que o inconsciente cuida de proteger da memória consciente, a fim de que o indivíduo possa viver em relativa tranquilidade e harmonia.

O conceito de psicogênese refere-se, assim, à psicogenia, psicogénico, à origem psíquica. Considera-se a existência da dor psicogênica quando nenhum mecanismo nociceptivo ou neuropático pode ser identificado e há sintomas psicológicos suficientes para o estabelecimento de critérios psiquiátricos estabelecidos na classificação DSM-IV. Na prática, a dor psicogênica é compreendida a partir de diagnóstico de exclusão e, de ocorrência muito rara. Muitos autores consideram-na virtual, uma vez que mesmo patologias puramente psiquiátricas são manifestações de alterações orgânicas e identificáveis, mesmo que somente, bioquimicamente. “O termo ‘psicogênica’ pressupõe que o diagnóstico médico é tão perfeito que todas as causas orgânicas da dor podem ser detectadas. Infelizmente, estamos longe de infalibilidade tal. Tudo demasiado frequentemente, o diagnóstico da neurose como a causa

da dor esconde a nossa ignorância de muitos aspectos da medicina da dor” (Melzack, 1996, s.p.).

Melzack suscita uma discussão que fere o ego da comunidade médica e que, com o tempo, virou jargão, tomando o campo do senso comum, possibilitando explicações (sic) para uma série de coisas para as quais ainda não se tem conhecimento científico. À expressão *é psicológico*, passou a subentender que não se sabe a causa e nem o nexos causal do problema; não necessariamente que seja de ordem psíquica, de fato, o que cria um paradoxo, porque tudo surge no espaço do pensamento e se difunde a partir de sua atuação sobre o corpo como um todo. Portanto, faça-se esclarecido que, ao afirmar ser não psíquica, quer dizer, não ser de ordem neurótica, produto de neurastenia que não pode se manifestar, por causa de repressões sofridas em outros tempos e que se mantêm como heranças mnemônicas insuperáveis.

Por mais que se possa defender a ideia de resiliência em relação a eventos traumáticos, acreditando que, uma vez passada a situação tudo volta ao normal ou, ao menos, o indivíduo deveria assim fazê-lo, demonstrando sua força e vitalidade insuperáveis, o problema se situa no fato de que poucos sabem como funciona a resiliência e seus testes mecânicos na indústria do aço. Uma vez a peça submetida a pressões extenuantes, ela volta a um estado de normalidade que não pode ser detectado a olho nu; mas, jamais retorna a ser como era; um desvio permanece e, da mesma forma assim o é com a espécie humana, em que uma vez sofrido um trauma, sua estrutura psicológica sofre alterações psíquicas que não podem ser reparadas e, muito menos percebidas, a menos que este seja posto diante de uma situação que provoque sentimentos semelhantes.

Mais uma vez, tomando o pensamento de que dor não é doença, é apenas a expressão de algo que não está em perfeito funcionamento; portanto, pode ser entendida como um sensor de voltagem que permite uma dedução do grau desta moléstia que perturba o indivíduo que está acometido pelo mal-estar. Muitas expressões são tomadas de campos das ciências exatas, onde se pode mensurar, com extremada precisão, os efeitos e resultados e, sem conhecer os detalhes do processo, termina-se aplicando tais conceitos de forma distorcida no campo das ciências humanas, produzindo ideias de efeito e frases de impacto como se tudo fosse dado como pronto e acabado. O ser humano é uma estrutura da mais elevada complexi-

dade e nada que se refira a ele e aos seus processos podem ser interpretados como algo passível de compreensão, por si só.

A memória é uma situação, na mesma proporção, de extremada complexidade no que se refere ao seu vínculo com a dor; porque, a sua ocorrência não é isolada do todo e, quando se aciona uma lembrança de momentos felizes, junto com ela, vem também, lembranças de momentos angustiantes e vice versa, ou seja, o sentimento de dor pode reverter-se em sentimento de felicidade, como este pode tornar-se um verdadeiro martírio. Sendo assim, se um conjunto mnemônico desperta angústia e dor, uma possível forma de aliviar a sensação desagradável é conduzir o paciente a pensar sobre algo ou algum evento que o fez sentir bem na sequência da situação.

Indivíduos que sofreram traumas psicológicos, em algum momento de suas vidas, especialmente, na infância, tendem a tornarem-se hipersensíveis, em que situações de conflitos os colocam em um estado de fragilidade tal que, aos que observam, a certa distância, lhes parece exagero o que relatam em termos de dor e sofrimento. Mas, na mesma devida proporção, são susceptíveis a se emocionarem e se exaltarem com situações de felicidade de tal forma que nem, ao menos, parecem ser os mesmos que, poucos instantes estavam destroçados, desesperados e mergulhados em estado depressivo tal que desperta preocupação em todos à volta.

A dor psicogênica é um sintoma frequente em pessoas com problemas emocionais. Pacientes ansiosos são especialmente sujeitos às dores corporais. O trabalho mental e esforço emocional frequentemente propiciam as dores. “As dores de ordem emocional tendem a localizar na cabeça e no tronco com duração prolongada e contínua. Permanece constante durante horas de vigília prolongada, não interferindo no sono” (LEWIS, 1998, s.p.).

O que se pode inferir desta colocação do autor é que, aqueles que sofrem de transtornos emocionais estão mais propensos a conflitos de natureza egodistônica, em que durante o estado de vigília o Superego age reprimindo o Ego, não permitindo que o indivíduo se exalte ou que ultrapasse os limites socialmente permitidos e mesmo que sua educação esmerada conceda liberdade para tanto; assim que, a única forma de aliviar a tensão conflituosa que explode no interior do ser é provocando tensão extrema em algum ponto.

O fato de esta dor, em especial, não atrapalhar o sono, é porque durante este estado as barreiras psíquicas são afrouxadas e o Ego pode resolver alguns conflitos

permitindo-se exaltar ou mesmo avançar em direção a ações que, em outras condições não lhe são permitidas pelo sensor moral. Se existe um conflito extremo entre o estado apolíneo e o dionisíaco, em que desejo de alcançar o primeiro só pode ser atingido através do segundo; no entanto, este também é impedido por alguma força superior ao próprio indivíduo, eis que se apresenta uma constelação de extrema complexidade, a qual não pode ser resolvida por um ego enfraquecido, o que leva o próprio corpo a ser objeto de revelações de um problema para o qual o Id e o Ego exigem solução.

O máximo que se consegue, ao tentar uma conexão dialética com o inconsciente, é deduzir os seus interesses em prol da vida e da existência harmônica do indivíduo com o mundo que o cerca. A linguagem e as formas de comunicação que esta instância psíquica utiliza para fomentar o tratamento e a solução de problemas de foro íntimo permanece uma incógnita para o mundo científico e nem mesmo o Mestre de Viena conseguiu esclarecer, deixando uma condição especial de entendimento e possibilidades de novos estudos.

Há casos, ainda, em que a dor psicogênica está vinculada a punições aplicadas pelo *Id*, a indivíduos que ousaram revelar segredos os quais não se encontravam devidamente preparados para tal. O Papa Pio XII esclarece, em um evento, em 1953, que existem segredos, produto de eventos traumáticos que o cérebro mantém obscurecido do próprio paciente porque este não possui estrutura psicológica para suportar a dor produzida pela violência sofrida, mesmo após muitos anos da ocorrência. Eis uma máxima que o inconsciente tem em alto valor, a fim de preservar a vida e a existência serena do ser: *Conhecereis a verdade e ela te matará! Se ela falhar, eu não falharei!*

Ainda se sabe muito pouco sobre o funcionamento da *psique* humana e seus mecanismos de defesa e proteção da vida e do bem-estar individual, exatamente, porque este conhecimento se deve à expressão linguística, à linguagem individual, particular e singular e, nem todos sabem como expressar aquilo que, de fato, sentem e como sentem, ficando na dependência de interpretações de terceiros que possuem traumas e vicissitudes mais ou menos violentas que a de seus pacientes e isto termina por criar um círculo vicioso que leva ninguém a lugar algum.

Na dor psicogênica existe uma sensação dolorosa efetivamente sentida pelo indivíduo; mas, sem nenhum motivo tangível que a explique, sem causa orgânica detectável. É, portanto, uma dor física de origem psíquica, entendendo, por isto que

sua origem está fundamentada em uma disfunção do pensamento. Procurando entender as origens psíquicas dessa dor, Juan-David Nasio propõe 3 (três) possibilidades, todas elas ancoradas na ideia de um corpo dotado de memória:

Na primeira possibilidade, a dor psicogênica seria a lembrança no corpo de uma antiga dor, a revivescência dolorosa de uma dor orgânica esquecida. Na segunda, tal como acontece no caso da conversão, ela seria o retorno doloroso sobre uma parte específica do corpo, anteriormente marcada pela presença momentânea de uma pulsão logo recalçada. Na terceira possibilidade ela seria a manifestação de uma mera coincidência, ocorrida no passado, entre e a emergência momentânea de uma pulsão inconsciente, que precisou ser recalçada, com uma dor banal surgida fortuitamente em algum lugar do corpo, sobre o qual, hoje, a dor psicogênica se apresenta. A dor psicogênica, ademais, pode ser de caráter histérico ou de caráter hipocôndrico. (...) na dor psicogênica, não existe localização precisa da dor psíquica no corpo (Marinho, 2009, 212-213).

Alguns casos de dor psicogênica ocorrem em resposta a uma lesão anterior; em casos raros, a dor vem puramente de um distúrbio psíquico. Na maioria dos casos, no entanto, a dor psicogênica causa dor existentes como resultado de algum estímulo físico para sentir-se mais intensa. Porque o cérebro é o centro para os níveis de decifrar e localização de desconforto, os indivíduos com um distúrbio emocional subjacente estão em maior risco de expor a dor psicogênica. Alguns pacientes apresentam dor persistente sem que haja evidências de alguma doença que possa ser a causa da mesma. Muitos outros apresentam um grau de dor e de incapacitação desproporcional aquele que a maioria dos indivíduos com uma lesão ou uma doença similar apresenta. Frequentemente, os distúrbios psicológicos são responsáveis por pelo menos uma parte dessas queixas. A dor apresentada pelo paciente pode ter origem predominantemente psicogênica ou pode ser causada por um distúrbio físico e exagerado, tanto em grau quanto em duração, por causa de tensões psicológicas. Mais frequentemente, a dor de origem psicológica é do tipo cefaléia, lombalgia, facial, abdominal ou pélvica. O fato da causa da dor ser parcial ou totalmente de origem psicológica não significa que não seja real (Tribioli, 2003).

Na Psicologia este é um ponto essencial do tratamento; a ideia da existência de algo já o valida como real, mesmo que não possa ser mensurado, o que presume a ideologia do pensamento positivista, em que tudo deve ser capaz de mensuração exata para ser definido como fato. O diálogo com o paciente é o único caminho plausível que pode conduzir a resultados satisfatórios no que se refere à dor psico-



gênica, analisando o momento em que esta se manifesta e em que condições o faz, tentando compreender que situações fazem despertar o processo traumático desconhecido e reprimido.

Sigmund, em seu trabalho de 1895, sobre a origem da histeria, relata que a manifestação de um sentimento traumático pode se dar a partir de uma co-relação com algum objeto vinculado à situação provocadora do evento traumático. A isto se estende uma lista como sons, vozes, cores, situações, músicas em que a memória seja acionada e o pensamento do indivíduo conduzido àquele instante fatídico em sua vida. Geralmente, vai repetir o comportamento adotado no momento e, se sua condição mostrou uma intensa fragilidade diante do agressor, em que a única atitude que pode experimentar foi a impotência, isto pode transformar-se em dor, tendo como resultado a expressão da fraqueza mnemônica de seu ego; o desejo reprimido pelo medo e a violência psicológica da situação contra si e a dor pode, ainda ser uma forma de punição contra o membro o qual poderia [*ou deveria*] ter utilizado para defender-se ou a terceiros.

Olhando de fora, é muito difícil fazer uma leitura e uma avaliação do processo como um todo, falando em nome de outrem; somente a pesquisa psicológica, fundamentada em uma anamnese profunda, dirigida por profissionais competentes pode permitir um diagnóstico lúcido sobre a situação ocorrida e o comportamento individual e os sentimentos difusos que atravessaram o pensamento do indivíduo no momento em que foi assaltado de surpresa. Lógico que aqui, assim expresso, pode parecer um absurdo, porque não fosse o elemento surpresa, não haveria produção de *trauma* psicológico, com consequências negativas a longo prazo.

## **ORIGENS DA DOR PSICOGÊNICA**

O fato de que o pensamento inconsciente produz dor psicogênica leva alguns profissionais a acreditar que é *tudo na cabeça*. No entanto, porque os sintomas desse tipo de dor são reais e podem afetar seriamente doentes, todos os casos deste tipo de dor devem ser levados a sério e ser cuidadosamente investigados para identificar o distúrbio psicológico subjacente responsável pela produção da dor psicogênica.

Uma observação pertinente a dores não-específicas (ou psicogênica) é a síndrome de dor no peito que ocorre comumente em indivíduos com idade inferior a 50

anos. Esses pacientes costumam apresentar sintomas que incluem dor torácica, assim como braço e irradiando dor no pescoço. Enquanto que em alguns pacientes estes sintomas soam como sinais de alerta de um ataque cardíaco, na maioria dos casos, a síndrome de dor no peito surge de uma ansiedade subjacente e/ou transtorno do pânico. Como resultado, o tratamento para estes doentes devem girar em torno de tratar o distúrbio psicológico para evitar que a síndrome de dor no peito não se repita (MERSKEY e BOGDUK, 1994).

Esta síndrome se dá porque ocorre uma constrição abrupta do sangue venoso, fazendo com que este circule em maior velocidade e o coração bata mais rápido, em ritmo acelerado, por causa de estar recebendo um fluxo de sangue bem maior que o seu habitual, cabendo descobrir qual o agente etiológico que conduziu a tal estado de tensão emocional. Neste sentido, a causa de tal situação está vinculada a perdas emocionais afetivas, como o luto, morte ou uma paixão não correspondida.

Isto não quer dizer que *toda* expressão de dor psicogênica tenha um fundo passional, um sentimento profundo, apesar de não se poder negar em absoluto tal condição, porque a forma como cada ser humano sente e expressa os seus conflitos, de toda e qualquer natureza é muito singular, não havendo como interpretar a partir de médias, previamente estabelecidas. O que cabe ao analista é deter o conhecimento necessário para conduzir, da maneira mais intensa, o processo investigativo, permitindo-lhe aproximar-se o máximo possível de um entendimento, elaborando, a partir disto, hipóteses que se revelem cada vez mais contundentes e persistentes até que se possa esclarecer o significado da manifestação somatoforme.

Especialistas vêem-se com três teorias que pretendem identificar as causas da dor psicogênica, sendo a primeira como subjacente a fatores psicológicos que a causam. Estes incluem transtorno de ansiedade, transtorno bipolar, depressão, comportamento obsessivo-compulsivo, ataques de pânico. A segunda, como resultados de dor psicogênica de alguma lesão anterior que ainda não foi totalmente curado. Nesta teoria, resultado de problemas emocionais (mas, não causa) induz a dor e pode intensificá-lo se a causa física subjacente da dor não for tratada e a terceira parte do pressuposto de que a dor psicogênica causa dor existentes para se sentir pior do que a situação realmente merece. Segundo esta teoria, questões psicológicas podem levar o paciente a sentir dor exagerada mais intensa em comparação com a extensão da lesão física ou doença. Enquanto suas sensações de dor são reais, o distúrbio mental subjacente desempenha um papel na intensificação da dor.

Geralmente, a dor psicogênica causa os seguintes sintomas: Desconforto constante, apesar de tomar medicação; Dificuldade em descrever a localização, qualidade e profundidade da dor; Dores não localizadas que abrangem partes maiores do corpo; Agravamento da dor independente de qualquer condição médica subjacente (BYKOV *et al*, 1994).

Somente após a realização de uma série de testes (incluindo ressonância magnética, tomografia computadorizada, exames de sangue, *etc*), o médico será capaz de excluir ou diagnosticar a dor como sendo psicogênica. Possíveis formas de aliviar a dor física incluem terapia física, especialmente quando os músculos e articulações estão experimentando dor, fazer mudanças na dieta, adesão a um regime de exercícios saudáveis, tomar a medicação recomendada pelo especialista. Após a dor física ter sido tratada, o paciente está pronto para buscar seus terapeutas ou psiquiatras para identificar e trabalhar em seu distúrbio psicológico. Inicialmente, os especialistas em saúde mental irão construir um perfil psicológico dos fatores em sua história médico-familiar, seu histórico médico pessoal e seus hábitos de estilo de vida e escolhas. Então, mais uma série de sessão e, o paciente e seu especialista vão tentar identificar as fontes e os gatilhos, bem como as estratégias de tratamento para sua dor psicogênica (*Id.*).

Enquanto aliviar a dor física imediata é normalmente fácil, tratar o transtorno mental associado é preciso trabalhar muito mais. Deve-se ter claro que o tratamento de transtornos mentais é, muitas vezes chamado de gestão a longo prazo de medicação e terapia. Sem tratamento, os indivíduos que sofrem de dor psicogênica podem sofrer alterações de estilo de vida negativos, incluindo abuso de álcool, abuso de drogas, fadiga, irritabilidade, isolamento, perda de sono, perda de memória, esta última condição como forma final de se evitar que segredos, há muito ocultados pelo próprio cérebro, como forma de preservar a saúde psicológica particular atrapalhe as condições existenciais e de vida.

Não se trata de acabar com a sintomatologia clínica desconfortável provocada pela dor somatorforme; o processo é buscar uma solução para a causa do problema que a provoca e, para isto, é necessário um trabalho exaustivo de busca pelos processos que o paciente passou desde sua infância até o momento em que se encontra. Terapias de regressão bem podem mostrar-se promissoras, a fim de se conhecer o evento traumático que se tornou o gatilho para a manifestação da dor, na forma de psicogenia.

O que os autores revelam, em que a persistência dos sintomas expressos de dor e a ausência de cura para o problema podem levar os pacientes a adquirirem hábitos nocivos à sua saúde, como vícios em drogas e/ou medicamentos que ajudem a aliviar, moderadamente, as crises de angústia, porque é assim que terminam, afetando o estado de humor e a vida como um todo, inclusive, no aspecto social.

A Psicologia e a Psicanálise vêm, a cada ano, buscando aprofundar o seu campo de estudos e de conhecimento sobre o pensamento humano, especialmente, no sentido de esclarecer como o cérebro trabalha para proteger o indivíduo de situações traumáticas, com as quais não teria condições de conviver em harmonia, cabendo o esforço de proteção, por vezes, insuficiente, uma vez que a vida humana foi projetada para ser vivida sem violências que prejudicassem o curso normal elaborado e definido pela *Physis*. O trauma é isto, o resultado de um conflito tão intenso que o indivíduo não foi capaz de suportar a agressão e teve, como fim último de preservação de sua vida, que recuar e fixar seu pensamento em um determinado momento, ficando também preso à situação traumatizante, procurando, de alguma forma evitá-la e, ao compreender que seria impossível fazê-lo, obscurece tal memória, tornando-a inacessível. Porém, como Sigmund afirmou, em 1909, na Universidade Clark, não basta prender o agente agressor em uma sala e fechar as portas, porque ele continuará a esmurrá-la, tentando fazer-se ouvido, o que continuará a perturbar a condição de relativa tranquilidade com que se encontram os presentes na sala. Sendo assim, pode-se aproximar de uma conclusão de que a dor psicogênica são os ecos deste agente desconhecido que foi banido da consciência para a inconsciência; no entanto, continua exigindo fazer-se ouvido quanto às suas reivindicações, porque em busca de um estado apolíneo de ser e estar.

## CONCLUSÃO

A dor de origem psicogênica é um distúrbio metabólico causado por um agente etiológico desconhecido da clínica médica convencional, *a priori*. Suas origens remontam a um estado patológico inconsciente ao qual o indivíduo não tem mais acesso, seja por quais motivos desconhecidos até ao próprio paciente. É uma dor de origem estritamente psicológica, não estando ligada a nenhum distúrbio metabólico detectável pelos métodos usuais, sendo necessário para estes casos um encaminhamento a um psicoterapeuta (psicanalista ou psicólogo clínico), depois que o pa-

ciente tenha passado por uma junta médica competente, para que faça as análises em profundidade e venha a descobrir a possível 'causa' do distúrbio e, por exclusão, se chegue a determinação de que se trata de psicalgia.

A Psicanálise já definiu, de forma coerente, que a *psiqué* humana é formada por uma parte ínfima consciente e uma outra titânica e inconsciente. Há certos traumas que, devido à intensidade com que ocorrem e os efeitos dolorosos que deixam, o próprio cérebro das vítimas procura bloquear da memória tais fatos a fim de proteger o indivíduo e conservar sua vida com maior dignidade. Mas sabe-se lá que fatores exógenos podem despertar o vulcão adormecido e os traumas voltarem à tona, fazendo com que o sujeito seja acometido de sintomas que no fim, têm, a intenção de despertá-lo para um problema muito maior, ainda não solucionado. Daí os clínicos e especialistas relacionarem a dor psicogênica a neuroses obsessivas e distúrbios de ordem psiquiátrica.

Muitos estudos ainda têm que ser levados a efeito, com a finalidade de esclarecer como o pensamento humano funciona e que mecanismos utiliza a fim de preservar e manter a economia psíquica, por vezes, valendo de subterfúgios como a supressão mnemônica de eventos que o indivíduo poderia não suportar de maneira convencional; porém, chega um momento em que o cérebro exige o restabelecimento da ordem quebrada pela situação a ser descoberta, porque suprimida em prol do bem-estar do paciente.

Na tentativa de forçar o indivíduo a buscar uma solução para o conflito existente e persistente, por causa do trauma, o inconsciente lança mão de todo tipo de mensagem, sendo uma destas a dor [*quase*] insuportável e que, a sua persistência conduz os pacientes a terem atitudes extremas contra si mesmos, abusando de vários tipos de substâncias psicotrópicas, exatamente, porque esta instância psíquica desconhece o sentido de intensidade consciente e seus efeitos são em níveis que extrapolam os limites humanos.

## REFERÊNCIAS

BENNETT, C. R. **Monheim**: anestesia local e controle da dor na prática dentária. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

BYKOV, K. M. *et alli*. **Manual de Fisiologia**. São Paulo: Ed. Cartago, 2005.

DSM-IV - **Manual diagnóstico y estadístico de los trastornos mentales**. Barcelona: Masson S.A., 1995.

FREUD, S. (1895) Estudos sobre histeria. *In*: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. II.

FREUD, S. (1910[1909]) Cinco Lições de Psicanálise. *In*: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XI.

FREUD, S. (1925-1926) **Além do princípio do prazer**. *In*: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XVIII.

LANGLEY, L. L.; CHERASKIN, E. **As bases fisiológicas de prática odontológica**. São Paulo: Atheneu, 2010.

LEWIS, M. E. **Fenômenos Psicossomáticos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MARINHO, Luiz Carlos de Oliveira. **Cad. Psicanál.** CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 209-213, 2009.

MELLO FILHO, J. (org). **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MELZACK, Ronald. **Pain and the Neuromatrix in the Brain**. Quebec (Canada): Journal of Dental Education -Volume 65, No. 12, 1996.

MERSKEY, Harold; BOGDUK, Nikolai (editores). **Classification of Chronic Pain**. 2. Ed. Seattle (USA): IASP, 1994.

NASIO, Juan-David. **A dor física: uma teoria psicanalítica da dor corporal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. Resenhado por: MARINHO, Luiz Carlos de Oliveira. Rio de Janeiro: Caderno de Psicanálise - CPRJ, ano 31, n. 22, 2009.

TRIBIOLI, Ricardo Alexandre. **Análise Crítica Atual Sobre a TENS Envolvendo Parâmetros de Estimulação Para Controle da Dor**. (Dissertação de mestrado). Ribeirão Preto: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, 2003.



  
Editora  
**PROGRESSO**

ISBN 978-658339205-3



9 786583 392053